



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ENSINO-APRENDIZAGEM DE
LÍNGUAS ADICIONAIS

**A FORMAÇÃO INICIAL PREPARA O PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
PARA A ORALIDADE EM SALA DE AULA?
UM ESTUDO DE CASO COM ACADÊMICOS DE LEPL- UNILA**

ELIANE FONSECA MAYER DA PAIXÃO

Foz do Iguaçu

2021



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ADICIONAIS**

**A FORMAÇÃO INICIAL PREPARA O PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA
A ORALIDADE EM SALA DE AULA?**

UM ESTUDO DE CASO COM ACADÊMICOS DE LEPLE- UNILA

ELIANE FONSECA MAYER DA PAIXÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino-aprendizagem de línguas adicionais.

Orientadora: Prof^ª. Me. Lívia Morales

Foz do Iguaçu

2021

Eliane Fonseca Mayer da Paixão

**A FORMAÇÃO INICIAL PREPARA O PROFESSOR DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA PARA ORALIDADE EM SALA DE AULA?
Um estudo de caso com acadêmicos de LEPLE- UNILA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino-aprendizagem de línguas adicionais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^ª. Me. Lívia Morales
UNILA

Prof. Dra. Jorgelina Tallei
UNILA

Prof. Dra. Miriam Cristiany Garcia Rosa
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Eliane Fonseca Mayer da Paixão
Curso: Especialização em Ensino Aprendizagem de Línguas Adicionais

Tipo de Documento	
(.....) graduação	(.....) artigo
(X) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: A formação inicial prepara o professor de língua estrangeira para a oralidade em salade aula? Um estudo de caso com Acadêmicos de LEPLÉ.

Nome do orientador (a): Prof.(a) Me. Livia Morales

Data da Defesa: 30/11/2021

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Moacir, aos meus filhos Lucas e Alícia, ao meu pai Adão, minha madrastra Amélia por todo apoio emocional, compreensão pelo tempo na frente do computador, força e incentivo para concluir essa etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, sem Ele em minha vida não teria conseguido enfrentar essa jornada, ter força e sabedoria para cumprir essa promessa, pois pensei em desistir várias vezes.

À minha adorável professora e orientadora Lívia Morales, pela competência, dedicação, incentivo e paciência para a concretização deste trabalho. Tenho certeza que nunca conseguiria sem você.

Ao meu amado marido Moacir, aos meus filhos Lucas e Alícia por todo amor, por acreditarem na minha capacidade e pelo incentivo. Amo vocês.

Aos meus pais Adão e Rufina (falecida) por me darem a vida e pela pessoa que sou hoje. Minha madrastra Amélia por toda paciência que sempre teve comigo, receber uma filha adolescente pronta não é fácil. Também amo vocês.

Às professoras da banca pelas orientações e pelo tempo que estivemos juntos durante a especialização.

Aos colegas do curso de especialização (EEALA), foi um privilégio conhecer cada um de vocês, pela amizade que construímos nesses dois anos, o incentivo de vocês fizeram toda a diferença, vou levar cada um para sempre no meu coração, sentirei falta dos nossos cafés no intervalo.

Aos meus amigos Rogério, Roselaine Jenny por me ajudarem na revisão do texto.

Aos queridos estudantes pela disponibilidade com que participaram da pesquisa, sem vocês este trabalho não seria possível.

Se considerarmos as dificuldades sem possibilidade de solução, como se elas nos pusessem contra a parede, podemos chegar ao desespero, mas se as encararmos calmamente e em atitude de prece, entenderemos as suas causas e poderemos encontrar as suas respectivas soluções.

Meishu-Sama.

MAYER PAIXÃO, Eliane. **A Formação inicial prepara o professor de língua estrangeira para a oralidade em sala aula?** Um estudo de caso com acadêmicos de LEPLÉ- UNILA 2021. Número de páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em ensino aprendizagem de línguas adicionais) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo compreender como as/os estudantes de Letras- Português e Espanhol como Língua Estrangeira da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA) dão sentido à prática e aprendizagem da oralidade durante sua formação. Para isto, iremos apresentar e discutir as concepções de língua, cultura e identidade na aquisição de ensino- aprendizagem da língua espanhola sistematizada através de entrevistas com as/os estudantes do curso. A hipótese inicial deste trabalho está relacionada à minha experiência como acadêmica de Letras- espanhol. Desta forma, a revisão bibliográfica demonstrou que é usual a constatação de que a formação em muitas universidades não oferece as ferramentas de forma eficiente para que esse professor em formação possa desenvolver a oralidade com segurança na comunicação em língua espanhola. Por isso, nossa pergunta de pesquisa parte desta hipótese para compreender se o mesmo acontece no caso deste curso. Para esse exercício, foram aplicadas entrevistas semi- estruturadas e instrumental de pesquisa interpretativista com estudantes de início, da metade e do final do curso. A fundamentação teórica está ancorada, sobretudo, nos estudos de Marcuschi (1997, 2016) que versam sobre a oralidade e a formação de professores de Língua Estrangeira.

Palavras-chave: Língua espanhola; oralidade; formação de professores.

MAYER PAIXÃO, Eliane. **A Formação inicial prepara o professor de língua estrangeira para a oralidade em sala aula?** Um estudo de caso com acadêmicos de LEPLE- UNILA 2021. Número de páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em ensino aprendizagem de línguas adicionais) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo comprender cómo los estudiantes de Letras - Portugués y Español como Lengua Extranjera de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA) dan sentido a la práctica y aprendizaje de la oralidad durante su formación. Para esto, presentaremos y discutiremos los conceptos de lengua, cultura e identidad en la adquisición de la enseñanza-aprendizaje sistematizada de la lengua española a través de entrevistas con los estudiantes del curso. La hipótesis inicial de este trabajo está relacionada con mi experiencia como académica de Lengua Española. Así, la revisión bibliográfica mostró que es común encontrar que la formación en muchas universidades no proporciona las herramientas de manera eficiente para que este docente en formación desarrolle de forma segura la oralidad en la comunicación en lengua española. Por tanto, nuestra pregunta de investigación parte de esta hipótesis para entender si ocurre lo mismo en el caso de este curso. Para este ejercicio se aplicaron entrevistas de investigación interpretativas semiestructuradas e instrumentales con estudiantes al inicio, medio y final del curso. El fundamento teórico está anclado, sobre todo, en los estudios de Marcuschi (1997, 2016) que abordan la oralidad y la formación de profesores de lenguas extranjeras.

Palabras clave: Lengua española; oralidad; formación de profesores.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EEALA	Especialização em Ensino Aprendizagem de Línguas Adicionais
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
LE	Língua Estrangeira
LEPLE	Letras- Espanhol e Português como Língua Estrangeira
NIPPEI	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Práticas em Educação Intercultural
PPC	Proposta Pedagógica Curricular
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, ORALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA	3
2.1 LÍNGUA NA CONCEPÇÃO ESTRUTURALISTA: SAUSSURE	5
2.2 LÍNGUA NA CONCEPÇÃO DIALÓGICA: O CÍRCULO DE BAKHTIN	6
3 LÍNGUA FALADA X LÍNGUA ESCRITA	8
3.1 FALA X ESCRITA NA TENDÊNCIA DICOTÔMICA	10
3.2 ORALIDADE X ESCRITA: TENDÊNCIA FENOMENOLÓGICA DE CARÁTER CULTURALISTA	12
3.3 FALA X ESCRITA: TENDÊNCIA VARIACIONISTA	13
3.4 FALA X ESCRITA: TENDÊNCIA INTERACIONAL	14
4 ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	16
4.1 UMA VISÃO GERAL: FORMAÇÃO DE PROFESSORES	16
4.2 FORMAÇÃO INICIAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA: ARTIGOS, TESES E DISSERTAÇÕES (2001-2017)	17
4.3 ANÁLISE DO MATERIAL SELECIONADO	19
5 METODOLOGIA DA PESQUISA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	22
5.1 SOBRE A INSTITUIÇÃO - UNILA E O CURSO DE LEPLE	23
5.2 RELATÓRIO NIPPEI PERFIL DOS/AS ESTUDANTES DO CURSO DE LEPLE	24
5.3 CATEGORIAS E ROTEIRO	27
5.4 CATEGORIAS DA PESQUISA	28
5.5 ROTEIRO E APLICAÇÃO	29
5.6 ANÁLISE DOS DADOS	30
5.6.1 ORALIDADE COMO PRÁTICA SOCIAL: EXPERIÊNCIAS	31
5.6.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE) E ORALIDADE	33
5.6.3 ORALIDADE EM PARALELO COM A ESCRITA	37
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS - ENTREVISTAS TRANSCRITAS	42

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, gostaria de pontuar que a motivação que me levou à realização deste trabalho parte de minhas experiências como discente e como docente de língua estrangeira. Inicialmente, quero esclarecer minhas experiências com as línguas estrangeiras: quando adolescente fiz curso de inglês em uma escola de idiomas, em que o ensino era muito preso à gramática, não conseguindo desenvolver a oralidade. Depois, ingressei na faculdade de Letras, me formei no ano de 2018, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essa formação me possibilitou ser professora de Língua Espanhola. Sempre gostei muito de português, dessa forma, quando soube do vestibular para Letras, não pensei duas vezes. No entanto, para minha surpresa, no primeiro dia de aula soube que a graduação era somente de Letras-espanhol e mesmo tendo nascido em região fronteiriça não falava nada nessa língua, mas como a universidade era pública decidi continuar e me apaixonei pela língua espanhola.

Com o passar do tempo, durante a graduação, percebi que quando precisava falar espanhol eu ficava muito nervosa, sentia insegurança e apresentava resistência, o que não ocorria para escrever, por exemplo. Passei a conhecer muito sobre a gramática do espanhol com os textos que eram propostos para que nós acadêmicos escrevêssemos e fizéssemos com os exercícios de fixação. Mas com a oralidade me sentia presa. Quando concluí a graduação não tinha a menor intenção de ministrar aulas dessa língua por não me sentir preparada. Quero deixar registrado que tive espanhol até o oitavo (8º) semestre da graduação, porém por insistência do meu esposo, resolvi encarar o desafio de lecionar aulas.

Nesse percurso algumas inquietações surgiram, tais como: Porque me sentia segura para escrever e o mesmo não ocorria com a oralidade? Alguns colegas de graduação relataram a mesma coisa, que já estavam quase no final do curso, mas sentiam que ainda não haviam se desenvolvido tão bem nessa questão. Por essa razão, quando ingressei na Especialização de Ensino Aprendizagem de Línguas Adicionais (EEALA), pela Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA), ao saber que deveríamos pesquisar algum assunto que nos interessasse, comecei meu percurso com auxílio da orientadora Lívia. Ante esse meu relato, informo que em algumas partes o trabalho estará escrito em primeira pessoa, quando são minhas ideias e vivências, em outras estará na segunda pessoa do plural quando pensamos juntas (orientadora e eu).

Assim, por meio dessa pesquisa, almejamos descobrir, através de entrevista com acadêmicos de Letras - Português e Espanhol como Língua Estrangeira (LEPLE), como está sendo a formação desses futuros professores de espanhol como língua estrangeira no tangente do uso da oralidade, bem como observar se eles compartilham da mesma insegurança que eu compartilhava. Além disso, analisar se os estudantes conseguem aprender e entender as adequações necessárias ao transpor a oralidade amplamente utilizada nas relações sociais (dentro e fora da universidade). A hipótese para essa investigação parte do pressuposto de que a universidade pode não estar oferecendo ferramentas de forma eficiente para que esse professor em formação possa desenvolver a oralidade de forma eficaz para que sinta-se seguro em se comunicar na língua espanhola. Ademais, se acadêmicos que têm um contato maior com a língua sentem-se ou não mais seguros nesse processo comunicativo. Essas hipóteses estão relacionadas a minha experiência como acadêmica de Letras- espanhol.

Com isso, o presente trabalho está dividido em três capítulos, momento em que apresento a fundamentação teórica desta investigação, baseada, sobretudo, nos estudos de Marcuschi (1997, 2016). Na primeira seção exponho a concepção de língua, oralidade e ensino de língua; na segunda, uma concepção de língua desde um viés estruturalista; na

terceira, língua na visão dialógica: Círculo de Bakhtin e, por fim, na quarta seção, Língua falada e língua escrita, apresento de forma breve as abordagens e métodos de língua estrangeira mais conhecidas mencionadas por Leffa (1988).

No segundo capítulo apresento a revisão bibliográfica. Nessa revisão selecionei sete trabalhos para serem analisados relacionados com a oralidade e a formação de língua estrangeira. Deixo registrado que são poucas as pesquisas desenvolvidas que tratam especificamente sobre a oralidade na formação de professores de língua estrangeira, com isso acredito que essa área deve ser mais explorada de forma a contribuir na formação dos professores. Na primeira seção apresento uma visão geral sobre a formação de professores e oralidade, na segunda seção, uma análise do material selecionado.

Por fim, no terceiro capítulo apresento a pesquisa desenvolvida, ancorada pelos estudos de Bortoni- Ricardo (2017), na primeira seção apresento sobre a Unila e o perfil dos acadêmicos, na segunda seção a metodologia da pesquisa; na terceira, categorias e roteiro; na quarta seção, uma análise dos dados e conclusão.

2 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA, ORALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA

Como ensinamos e aprendemos uma língua? O que podemos fazer para propiciar uma melhor aprendizagem e tornar o ensino mais eficiente em sala de aula? Como trabalhar a oralidade em sala de aula? Essas são algumas das preocupações que temos ao ensinar/aprender uma Língua estrangeira (LE).

Nessa primeira seção exponho a fundamentação teórica da pesquisa, com as concepções que considero básicas. Assim, entendo que não há como estudar uma língua sem antes compreender o que é propriamente uma língua. Nesse sentido, Marcuschi (2016) nos diz que entender a concepção de língua é indispensável para direcionar as práticas de ensino. Com isso, tanto as concepções de língua quanto ensino e aprendizagem diferem em suas interpretações de acordo com as correntes epistemológicas que as sustentam.

Dessa forma, para iniciarmos nosso percurso precisamos compreender a distinção entre método e abordagem. De acordo com Leffa (1988), a abordagem é um termo mais amplo e é definida a partir do pressuposto que as englobam pode variar à medida que se observa esses pressupostos sobre a aprendizagem de uma língua. Dessa forma cada pressuposto gera uma abordagem para atingir a aprendizagem. O método tem um domínio mais reduzido que pode estar englobado em uma abordagem, é o caminho a ser percorrido para obtenção da aprendizagem que, segundo Leffa (1988), pode envolver regras para a seleção, ordenação e apresentação dos itens linguísticos.

Compreendendo essas nomenclaturas, passamos assim para a concepção de língua que é o que baliza, articula e organiza todos os elementos envolvidos nas escolhas de como se ensina uma língua. Ela traz consigo uma concepção de sujeito, de aprendizagem e de ensino. Ainda partindo de Leffa (1988), podemos dizer que existe uma historicidade das metodologias de ensino que elas vão se transformando em diálogos com necessidades sociais (para que e em que contextos se aprende uma língua), mas também com o corpo teórico da linguística.

As metodologias de ensino de línguas adicionais, portanto, não são caixas estanques que vão se sucedendo progressivamente entre si. Pelo contrário, elas são formas de compreender e didatizar o conteúdo de uma certa língua, que faz um recorte sobre o mundo e sobre as formas de ensinar/aprender, através de inúmeras tensões teóricas, pela possibilidade das tecnologias de ensino disponíveis, por fatores econômicos e ideológicos. Assim passamos a compreender sobre concepção de língua na visão de Saussure e Bakhtin.

2.1 LÍNGUA NA CONCEPÇÃO ESTRUTURALISTA: SAUSSURE

São muitos os autores que estudam os conceitos de língua e linguagem. Segundo Marcuschi (2016), a linguística vinha se desenvolvendo na metade do século XIX e, com êxito, já identificava os falares, as variadas línguas e suas especificidades. No final do século XIX, marcado pelo positivismo, que tem como ideia principal a reorganização da sociedade, construiu uma visão objetivista da linguagem, pois analisa a língua como um constructo formal. Dessa forma a filologia cede lugar ao estruturalismo linguístico, que é compreendido como um sistema de regras, que perdura até meados do século XX.

O Curso de Linguística Geral foi publicado por seus seguidores de Saussure em um cenário marcado pelo positivismo, que carrega algumas características e teve uma leitura estruturalista subsequente. Assim, através dos estudos de Saussure surgiu uma nova

concepção de língua, partindo posteriormente para o avanço das pesquisas mais aprofundadas sobre a língua e, em seguida, sobre outros aspectos da linguagem.

A língua como sistema proposta por Saussure se autodetermina como estudo das formas e das estruturas do sistema linguístico, sendo a mais abstrata possível. Esse caráter provocou uma visão objetivista da linguagem, que deu ênfase à análise da língua como constructo formal. Marcuschi (2016, p. 13) destaca que para Saussure a “língua como sistema de regras e a noção de que o objeto da linguística não era a produção concreta e histórica, embora essa fosse primordial”. Assim, Saussure separa metodologicamente a linguagem em duas partes: a língua e a fala. Com isso, os estudos não cediam espaço para a análise do uso da língua.

Na perspectiva de Saussure, a língua é vista como um sistema homogêneo que está disposto na mente de cada falante de uma determinada comunidade. Ou seja, toma a língua como forma ou estrutura, considerando-a um sistema normativo, orientado por regras. O domínio do código é estudado de forma individual, sem considerar a interação com o outro. Dessa forma, através dos estudos de Saussure ocorre uma transformação, uma nova forma de ver a língua e a filologia dá lugar ao que se convencionaria chamar de estruturalismo linguístico, em que os estudos diacrônicos vão dando lugar aos sincrônicos.

Nessa esteira, o estruturalismo compreende as análises fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua. Ademais, preocupava-se com a forma, esquecendo-se dos aspectos semânticos, pragmáticos, sociais, discursivos e cognitivos. Em suma, ignorava os usuários da língua, ou como bem coloca Marcuschi (2016, p. 15), a língua “parecia agir por si só”. Ainda segundo a visão de Marcuschi (2016), a língua é vista por Saussure como um código independente de uso. Assim, o estruturalismo apresenta um caráter cientificista da língua. Várias são as críticas a essa concepção de língua, pois não se considera o contexto e a situação, o que revoga a influência da participação do outro na troca conversacional, como também a interação conferida à língua.

2.2 LÍNGUA NA CONCEPÇÃO DIALÓGICA: O CÍRCULO DE BAKHTIN

Ao longo do século XX, os funcionalistas passaram a compreender a sociedade como um grande sistema, em que cada um tem uma função para o desempenho social, surgem os estudos sobre o plano textual e sua relação com o contexto de produção. Assim, passa-se a dedicar atenção aos aspectos funcionais, situacionais e contextuais, e não apenas ao estruturalismo formal.

Na metade do século XX, ocorreu a “virada pragmática”, que representou a passagem da análise da forma, para uma abordagem sociocomunicativa. Mais tarde, por fim, surge o estudo sociointeracionista, com uma nova concepção que considera a língua como atividade social interativa situada, relacionando aspectos históricos, sociais e discursivos no estudo da linguagem, é nesse entendimento que se baseia essa pesquisa. Essa visão tem sido bastante difundida na Linguística Textual e em outras disciplinas ou perspectivas teóricas.

Entende-se que é o funcionamento social, cognitivo e histórico que permite a produção de sentido e ajuda a compreender o fenômeno realizado na interação pela e na linguagem. É importante destacar que mesmo sendo atual, a perspectiva sociointeracionista tem suas raízes nos trabalhos de Bakhtin/Volochinov, que defendem que estudar a língua e a linguagem exige uma análise aprofundada no contexto social em que está inserida. Essa concepção possibilitou

novas reflexões, concebendo a língua como fato social, constituída na relação com o outro, ou seja precisa do outro para acontecer. Segundo Marcuschi (2016), a língua está diretamente ligada em contextos situacionais e não apenas sociais e cognitivos. Dessa maneira, todo enunciado tem uma intencionalidade, que está diretamente relacionada a um contexto. Assim, a pragmática nos apresenta a língua como forma de ação. Para Bakhtin e o círculo, observa-se que com a língua não somente se diz, como também se age e a centralidade da função é o diálogo.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 124), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes”. Desde essa visão, percebe-se que a língua é um fenômeno essencialmente mutável, social, bem como um processo da interação verbal, sendo assim sua principal função é o diálogo. Ou seja, através da interação entre os indivíduos. Além disso, destacamos que a língua está em constante evolução e recriação, sempre com a possibilidade de modificação. Assim, o autor leva em consideração os fatos reais da língua e, dessa forma, estuda a natureza social do diálogo, a fala do indivíduo e seu caráter intencional. Voloshinov (2017, p. 148) também ressalta que “a língua é criação e formação ininterrupta”.

Levando em consideração a visão de Bakhtin (1997) na concepção da língua como um processo dialógico, social e de interação verbal, ponderamos que para ensinar uma língua estrangeira nessa perspectiva, devemos observar o processo de socialização na construção de significados. Ou seja, é por meio do enunciado que os sujeitos podem se posicionar, interpretar e agir, assim o discurso está diretamente ligado à vida em si, se a separarmos ela perde sua significação, tendo em vista que está relacionada à uma situação real. Com isso, todo enunciado deve ser considerado, podendo ser compreendida de diversas formas, dependendo do contexto no qual está inserido, como muito bem nos foi exposto por Bakhtin e Voloshinov (1997).

Ensinar uma língua estrangeira é preparar o estudante para saber utilizar a linguagem. É através da interação que aprimoramos a capacidade de expressão na língua. Marcuschi (2001) menciona que não ensinamos uma língua, mas sim ensinamos o uso dessa. Em suas palavras, a “língua se manifesta com uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva, para dar a entender ou para construir algum sentido” (MARCUSCHI, 2001, p. 132).

Com isso, os cursos de formação de professores e as aulas de língua precisam ser repensadas para que possam promover e possibilitar seu caráter sociointerativo, dado principalmente pela modalidade oral na que observamos ser a maior dificuldade por falta de prática. Assim, autores como Marcuschi (1997, 2001) destacam a importância de trazer textos para as aulas de línguas, apresentando outras variedades da língua, no caso o espanhol, como forma de ensinar e ampliar o contato do discente com as atividades sociais de linguagem. Nesse caminhar, avaliamos ser necessário utilizar em nossas aulas não somente uma literatura canônica, e sim textos orais e escritos que façam parte da realidade do discente/professor para que entenda que é possível utilizar a língua que está aprendendo durante a graduação ou na escola, como também na vida privada, entendendo que as práticas sociais podem ser diferentes dentro e fora da ambiente escolar.

3 LÍNGUA FALADA X LÍNGUA ESCRITA

A fala e a escrita possuem elementos diferentes, próprios, porém as duas são consideradas práticas sociais e utilizam o mesmo sistema linguístico. Assim, não devem ser discutidas de forma dicotômicas, isto é, não podem ser analisadas de forma isoladas. Seria impossível imaginar nossas vidas sem a fala e a escrita, dessa forma, as duas práticas são indispensáveis para nossa sobrevivência. Com isso, ambas não podem ser entendidas como superior ou inferior em relação à outra, ou seja, não podemos dizer que uma é mais importante que a outra. Porém, como a oralidade surgiu antes em nossas vidas, possui uma importância cronológica.

A fala e a escrita estão tão presentes em nosso dia a dia, tornando-se assim indispensáveis. Contudo, se por um lado a fala ocorre de forma natural, mais fluida e em contextos informais, a escrita é adquirida através de instituições (escolas). Dessa maneira, a maioria de nós teve o contato um pouco mais tardio com a escrita dessa forma, é vista como um bem cultural e com mais notoriedade, tendo em vista que a escola nos passa essa prática através da gramática.

No entanto, a escrita vai além de contextos formais que aprendemos na escola, pois utilizamos em nossas casas através de receitas culinárias, listas de compras, bulas de remédio, bilhete deixado para o filho na geladeira e assim por diante. Em suma, não utilizamos a escrita somente em contextos formais. Seria interessante que escola vinculasse a escrita em situações do dia a dia, de forma prática, tal como ela está presente em nossas vidas. Para Marcuschi (1997, p. 121), “a escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana em paralelo direto com a oralidade [...] Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos de uso da escrita são variados e diversos”.

Assim, como a escrita é adquirida em contextos formais surge uma identificação entre alfabetização, escolarização e letramento, que não passam de um equívoco, pois é possível ser alfabetizado sem necessariamente ter contato com a escola. Marcuschi ainda afirma que conhecemos muito sobre alfabetização, porém pouco sabemos sobre letramento. Ou seja, pouco conhecemos como a escrita adentrou a sociedade, tendo em vista que no século XIX, período em que o domínio das habilidades de leitura e escrita no Brasil eram restritas a uma pequena parcela da população. Assim, reafirmo que a escrita passou a ser vista como sinônimo de prestígio social. Hoje todos temos contato com a escrita, algumas pessoas mais que outras, até mesmo as pessoas ditas iletradas ou analfabetas têm de alguma forma contato com a escrita devido a tecnologia, Além disso, a escrita permeia nossas relações sociais de forma muito profunda do que em qualquer outro momento da história.

À vista disso, retornamos a nossa reflexão sobre alfabetização, letramento e escolaridade. O letramento se preocupa com a função social e histórica do ler e do escrever em contextos informais. Por sua vez, a alfabetização é um processo que compreende o domínio da leitura e da escrita em contextos formais de aprendizagem, que não precisa necessariamente ocorrer na escola, podendo ocorrer também em casa. A escolarização, sim, é uma prática institucional e formal, que tem por objetivo a formação do indivíduo.

São várias as tendências que preocupam-se sobre as relações entre língua falada e língua escrita. A seguir vamos falar sobre essas tendências.

3.1 FALA X ESCRITA NA TENDÊNCIA DICOTÔMICA

Nessa tendência que tem mais tradição e que conduz até os dias de hoje, o ensino de línguas concebe a fala e a escrita como códigos, ou seja, como sistema de regras que deu origem a maioria das gramáticas pedagógicas. No entanto, não preocupa-se com o diálogo, sendo exclusivamente formal, está ligada diretamente com o estruturalismo, sendo bem restrita. Segundo Marcuschi, “surge dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso e toma a língua como sistema de regras” (MARCUSCHI, 1997, pg. 128).

Assim, uma de suas conclusões propõe que a fala tem uma menor dificuldade, pois adquirimos naturalmente e a escrita seria mais complexa. Podemos observar que essa tendência ainda está muito presente nos métodos e abordagens de ensino, como a Abordagem da gramática-tradução ou AGT, reconhecida popularmente como um método. Como próprio nome já diz, a atenção dessa abordagem está na gramática e tradução, não há interação com a língua, a base está em textos literários observando a gramática, como também conhecer autores. O foco desse método está na escrita da língua.

O sucesso na aprendizagem da língua estrangeira era a habilidade de traduzir de uma língua para outra, o que poderia ser obtido pela tradução literal e pela busca das similaridades entre a primeira e a segunda língua. Segundo Leffa (2008) são três as etapas para a aprendizagem da língua nessa abordagem “ (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema)” (LEFFA, 1988, p. 04). Isso nos faz perceber como essa abordagem é toda relacionada à estrutura sem dar autonomia ao aprendiz.

Outro método que está presente nessa tendência e é considerado tão antigo quanto o método anterior é o Método Direto (MD), que, ao contrário da abordagem gramática-tradução, diminui totalmente o valor do uso da primeira língua e enfatiza o uso da língua alvo em sala de aula. Nessa esteira, propõe-se ao estudante pensar na língua estrangeira. A leitura segue sendo uma das habilidades privilegiadas, porém seu desenvolvimento caminha junto com a habilidade da fala e a aquisição de vocabulário por meio dos textos e atividades situacionais propostas, dessa forma, ainda não permite ao aprendiz a sua autonomia. Para auxiliar o estudante a pensar na língua estrangeira, o professor usa imagens, demonstrações (objetos e atividades provenientes de contexto real de uso da língua estrangeira). A repetição está muito presente para o aprendizado automático da língua.

O Método Audiolingual, também presente na tendência dicotômica, privilegia o desenvolvimento das habilidades orais, assim como o Método Direto. Seus pressupostos teóricos baseiam-se nos princípios da linguística estruturalista. A língua é vista como um conjunto de hábitos que se adquirem por meio de um processo mecânico de estímulo e resposta.

Nesse método se considera que a aprendizagem dos padrões estruturais da língua acontece por meio de condicionamento de hábitos, ou seja, quanto mais vezes algo é repetido, melhor será a aprendizagem. Assim, se orienta através de repetições, seguindo um sistema de regras, que se dá por meio de audições. Dessa forma, nesse método o aprendiz é exposto a ouvir e repetir. As estruturas e os novos vocábulos são apresentados por meio de diálogos artificiais elaborados com a finalidade de proporcionar ao aluno a visualização de um possível contexto de uso da estrutura.

3.2 ORALIDADE X ESCRITA: TENDÊNCIA FENOMENOLÓGICA DE CARÁTER CULTURALISTA

Essa segunda tendência observa as práticas da oralidade e escrita e como elas se manifestam ao longo do tempo. Ou seja, seu desenvolvimento fenomenológico e a produção do conhecimento. Marcuschi (1997) denomina essa tendência de “visão culturalista”. Na verdade essa tendência pouco se preocupa com os fatos da língua, trata-se mais de uma visão epistemológica que foi desenvolvida por antropólogos, sociólogos e psicólogos. Dessa forma, a tendência fenomenológica observa as mudanças ocorridas na sociedade que se instituem na escrita.

Segundo Marcuschi (1997), essa visão não observa relações linguísticas, pois analisa a escrita como uma evolução na capacidade cognitiva dos indivíduos, para os autores que apreciam essa tendência. Os fatos históricos têm um peso muito grande que, de certa forma, não deixam de ter razão. Para esses autores, a escrita foi um feito eminente, tendo em vista que, na visão dessa tendência, permitiu o estudo da língua como objeto sistemático.

Um dos problemas encontrados nessa tendência é a supervalorização da escrita e, junto com essa valorização, vem o etnocentrismo, que se constituiu em uma forma de valorizar a cultura, como também a valorização do autor. Assim, a escrita permaneceu durante muito tempo a um grupo restrito, um grupo de elite.

Dentro dessa tendência podemos verificar a abordagem conhecida tradicionalmente como método da leitura, que, como o próprio nome diz, o objetivo é a leitura, sendo a oralidade deixada em segundo plano. Nesse método, o ensino de línguas deveria antes objetivar o gosto pela cultura e literatura do povo estudado, essa abordagem também se enquadra na tendência anterior, visto que segue um sistema de regras e não observa os fatos da língua.

3.3 FALA X ESCRITA: TENDÊNCIA VARIACIONISTA

Essa tendência é intermediária às duas anteriores: trata-se da fala e da escrita em processos educacionais em que é reconhecida a variação entre a língua padrão e a não padrão linguístico em contextos formais institucionais. Essa tendência também pode ser denominada Currículo Bidialateral, que são os estudos que observam essa variação. Nessa perspectiva não se fazem diferenciações dicotômicas, mas preocupa-se com as regularidades da língua e variações.

No entanto, alguns estudiosos apontam para essa dificuldade bidialateral, já que as instituições ainda estão muito presas à forma padrão. Nesse sentido, sabemos que a língua não é homogênea, tampouco uniforme. Portanto, não escrevemos como falamos. O interessante é que essa tendência sugere que as variações sejam consideradas tanto na fala quanto na escrita, o que facilitaria as práticas de ensino. Sobre essa perspectiva, nos assevera Marcuschi (1997, p. 132): “Minha posição é a de que a fala e a escrita não são dois dialetos e sim duas modalidades do uso da língua de maneira que o aluno, ao dominar a escrita se torna bimodal”. Com isso, torna-se fluente em dois modos de uso da língua.

A abordagem comunicativa se enquadra nessa tendência. Enquanto alguns linguistas ainda se concentravam no código linguístico, surgia uma nova visão de língua. Alguns professores e estudiosos perceberam que os estudantes produziam sentenças gramaticalmente

corretas, mas pouco as utilizavam em situações realmente comunicativas e reais fora da sala de aula. Assim, observou-se que a comunicação requer mais do que simplesmente o conhecimento das regras. Leffa destaca (1988) que nessa abordagem a língua não era observada como um conjunto de frases, mas sim como conjunto de eventos comunicativos e suas variações.

Dessa forma, essa nova visão de língua preenche a carência deixada pelas abordagens e métodos presentes no estruturalismo. Segundo Leffa (1988), a abordagem comunicativa objetiva não descreve a forma da língua, mas o que se pode fazer através da língua, expressa o real propósito para o qual se usa a língua que é a comunicação. Assim, através dessa nova perspectiva de estudar a língua, percebe-se que há diversos níveis de formalidade para se comunicar e demonstrar que as palavras não têm apenas significado pronto e determinado, aquele registrado no dicionário, mas adquirem um valor específico relativo ao contexto em que são usadas, levando em consideração a variação linguística.

Assim, não existe ordem em que devem ser trabalhadas as quatro habilidades linguísticas, tão pouco restrições quanto ao uso da língua materna. Dessa forma, as quatro habilidades são apresentadas de modo integrado. No entanto, a abordagem vista como a mais apropriada para a aquisição da segunda língua por muitos pode não ser a mais eficiente, na teoria funciona muito bem, porém na prática não é tão efetiva. Nas palavras de Leffa (1988) “Um dos problemas, por exemplo, com materiais comunicativos é identificar o conteúdo de cada unidade, normalmente expresso através de listas de funções simultaneamente repetitivas, incompletas e sem qualquer relação entre si” (LEFFA, 1988, pg. 24).

3.4 FALA X ESCRITA: TENDÊNCIA INTERACIONAL

Definido por Marcuschi (1997) como “visão interacionista”, em que seus fundamentos centrais baseiam-se no diálogo, funções interacionais, situacionalidade e estratégias linguísticas. Essa tendência percebe a língua como um fenômeno dinâmico, já que é voltado para as atividades dialógicas que marcam as características da fala. Contudo, possui poucas descrições e explicações dos eventos sintáticos e fonológicos da fala.

Marcuschi (2007) salienta também que, se houvesse uma fusão entre a tendência variacionista e a tendência interacionista, poderiam se alcançar resultados mais seguros e com adequações práticas e teóricas. Essa perspectiva interacionista dedica-se em perceber a variedade de formas textuais produzidas, como também a relação entre a fala e escrita, ademais de debruçar-se em observar a presença dessas duas modalidades uma na outra.

Assim, a tendência interacionista preocupa-se com a relação fala x escrita como fatos linguísticos, e a oralidade x letramento como práticas sociais. Marcuschi (2007) destaca que “a fala e a escrita não são óbvias nem lineares, pois elas se refletem num constante dinamismo” (MARCUSCHI, 2007, p. 133). Dessa forma, apesar de haver a presença da fala na escrita e vice-versa, cada modalidade se manifesta de forma diferente.

Com isso, deve-se ter em mente que assim como a fala não possui propriedades específicas negativas em relação à escrita, tampouco a escrita deve ser vista com propriedades específicas privilegiadas. A oralidade sempre estará presente em nossas vidas, junto com a escrita, sendo as duas grandes atividades comunicativas e fontes de expressão.

A oralidade enquanto prática social é própria do ser humano e não pode ser substituída por alguma tecnologia, sendo um fator de identidade social e regional. A escrita por outro lado não pode ser considerada identidade individual e grupal, pois ela é marcada pelo padrão. Se em um grupo de pessoas pedirmos para que falem sobre determinado assunto, com certeza teremos diversas formas e entonações de dizer esses assuntos, levando em consideração o regionalismo de cada indivíduo. Por outro lado, se pedirmos para que escrevam sobre o mesmo assunto, certamente teremos divergências de opiniões, mas seguirão um padrão próprio da escrita.

Assim, quando se fala em língua não nos referimos a língua como um sistema de regras fechado, abstrato e homogêneo, mas sim que a língua é heterogênea, já que se manifesta de diversas formas. Ela é variável, dinâmica e sofre alterações com o tempo. É, também, histórico e social, visto que está presente em nosso dia a dia.

4 ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ao realizar a revisão bibliográfica encontrei pesquisas na área da formação docente e também pesquisas que tratam sobre oralidade tanto durante a graduação, como também nas aulas de línguas nas escolas, que contribuíram para que pudesse observar o quanto essas pesquisas avançaram na área.

4.1 UMA VISÃO GERAL: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A revisão bibliográfica tem por finalidade conhecer e apresentar as produções científicas já desenvolvidas sobre o assunto. As informações apresentadas nas pesquisas revelaram dados significativos, sobre a realidade dos estágios, a prática comunicativa da língua espanhola durante a graduação, como também as práticas diárias em sala de aula.

A revisão bibliográfica é fundamental, pois é através dela que sabemos o que foi pesquisado na área, o que foi produzido pelos pesquisadores, para assim buscar algo que seja inovador. Sendo assim, ela é o suporte, o que sustenta a pesquisa.

Na elaboração de uma pesquisa é imprescindível que se tenha uma ideia clara do problema a ser resolvido, as dificuldades que estão sendo encontradas para que assim o pesquisador possa apresentar contribuições e possíveis soluções que sejam satisfatórias para a construção do conhecimento. Cruz (2001) aponta que “Dependendo de como nos posicionamos teoricamente como pesquisadores, teremos uma compreensão de nosso objeto de estudo, em função do paradigma adotado.” (CRUZ, 2001, p. 6). Com isso, é indispensável que o pesquisador conheça as demarcações desse problema. Realizar a revisão bibliográfica é algo complexo e trabalhoso, porém necessário para incentivar e aprimorar o estudo.

Fundamentado no desafio de conhecer o que já foi construído sobre o que nos propomos a pesquisar, e no que diz respeito à formação inicial de professores, selecionei 1 trabalho de especialização, 4 artigos científicos, 2 pesquisa de graduação, realizados entre os anos de 2001 a 2017, os quais abordaremos a seguir obedecendo a ordem cronológica crescente.

4.2 FORMAÇÃO INICIAL E PRÁTICA PEDAGÓGICA: ARTIGOS, TESES E DISSERTAÇÕES (2001-2017)

Cruz (2001), em sua tese de especialização, apresenta uma pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista, que se propõe a dar conta dos dados linguísticos examinando, também o contexto de ensino em que ocorrem e a inter-relação com as vivências acadêmicas e pessoais dos sujeitos participantes. A tese objetivou efetuar um mapeamento da produção oral dos sujeitos da pesquisa: sete acadêmicos do curso de letras de uma universidade pública do 1º ao 4º ano de espanhol, procurando observar como se manifestam os estágios de interlíngua durante o processo de aprendizagem, como também conhecer as facilidades e dificuldades que se apresentam; a delimitação e caracterização dos estágios de pelos quais passam e como chegam ao final do curso; assim como eventuais regressões e desenvolvimento da competência comunicativa na língua alvo.

O artigo de Carvalho (2011) teve como objetivo investigar e refletir sobre a formação de professores e identificar as principais dificuldades relacionadas aos aspectos metodológicos. Para tanto, os participantes foram professores/estagiários (formação inicial) em Letras. A metodologia adotada para a pesquisa foi qualitativa de caráter interpretativista, seguindo os métodos da pesquisa-ação que prevê a identificação, planejamento, ação e resultados. Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas entrevistas, questionários e atividades reflexivas, projetadas pelo próprio grupo participante. Os autores de referência foram Telles, Costa, Durão, Barros.

O artigo de Cordeiro (2012) teve por objetivo justificar a importância do enfoque em questões formais nas aulas de língua estrangeira e o trabalho apresenta um aporte teórico sobre o foco na forma. Assim foram entrevistadas algumas acadêmicas em relação ao seu posicionamento relativo ao estudo da gramática, para verificar se elas acreditam que o item gramatical pode contribuir para o desenvolvimento da proficiência.

Já Martins (2013), para obtenção de título de licenciada em Letras, apresenta um estudo sobre a percepção dos professores da rede municipal e estadual na cidade de Bagé/RS sobre a utilização de habilidades orais em interação com os estudantes em sala de aula. Para isso, foi aplicada uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo, por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas, com embasamento teórico em Vygotsky, Bakhtin, Coracini entre outros. Martins (2013) pôde observar através do seu estudo que a habilidade oral não é uma realidade em sala de aula e que falta um olhar diferenciado nesse contexto.

Oliveira Martins (2017), em sua dissertação, apresenta uma pesquisa qualitativa em duas perspectivas: discentes e docentes, buscando analisar e entender em que medida o contato extraescolar com a oralidade influencia a produção oral nos trabalhos escolares, como também analisar a prática docente para entender os resultados obtidos no processo de ensino/aprendizagem de estudantes do ensino médio. A hipótese da autora é que os estudantes que têm contato com a língua fora de sala de aula, torna-se mais competente na produção oral dentro dela.

O trabalho para título de graduação de Santos (2017), tem por objetivo pesquisar a oralidade nos cursos de formação de professores de espanhol, pois através de seu próprio estágio observou que é empregada menor ênfase a oralidade no próprio curso, como também durante o estágio, observando que somente duas das quatro habilidades linguísticas são muito trabalhadas no ensino tradicional escrita e leitura, estando assim muito ligado a gramática. O trabalho da autora consiste em uma pesquisa bibliográfica/documental, com abordagem qualitativa.

Por fim, a investigação de Chaves (2017) possui uma natureza descritiva e objetiva compreender a situação atual da formação docente no curso de licenciatura em Letras/Espanhol do Instituto Federal de Brasília. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, em que foi aplicado um guia de entrevista semiestruturado em 17 estudantes das quatro turmas em andamento, com o objetivo de ter acesso às percepções dos estudantes em relação às habilidades sociais necessárias ao trabalho docente.

4.3 ANÁLISE DO MATERIAL SELECIONADO

No material analisado procurei selecionar pesquisas que houvesse algo relacionado com oralidade de LE, por ser o que me motivou a realizar a pesquisa. A análise dos artigos, dissertação, tese e trabalhos para conclusão de graduação percorreu a formação de professores no curso de letras/espanhol em universidades públicas, uma reflexão das prática pedagógica de professores de língua estrangeira de professores recém graduados, e professores em exercício já a algum tempo, como também a prática da oralidade nas aulas de espanhol no ensino médio de uma escola pública. Ao todo foram analisados sete (7) trabalhos de formação de professores que tratam sobre oralidade e a prática docente. No entanto através dessa revisão bibliográfica, observei que são poucas pesquisas realizadas na área da oralidade de cursos de língua estrangeira, ou seja, observa-se uma supervalorização por pesquisas e reflexões referente a prática docente, formação continuada, mas pouco a uma área tão imprescindível como a prática da oralidade.

Este estudo diante da literatura disponível, em torno da temática em questão, é fundamental para a pesquisa, pois proporciona ao pesquisador um olhar crítico para o estudo, principalmente saber qual está sendo a maior ênfase do tema a ser investigado. Em relação ao tema, os trabalhos discorrem teoricamente sobre 2 categorias. A maior ênfase está na formação de professores e reflexões sobre as práticas pedagógicas, em seguida a prática de oralidade na graduação e nas aulas de LE, assim observo que a preocupação maior nas pesquisas realizadas estão sobre a prática docente.

No que diz respeito à metodologia da pesquisa, dos sete estudos realizados, seis (6) indicaram tipologia qualitativa, dentre eles uma entrevista longitudinal e apenas um (1) indicou tipologia quali-quantitativa. Dos pesquisadores que adotaram a abordagem qualitativa, apenas quatro (4) aplicaram entrevista semiestruturada, um (1) realizou pesquisa bibliográfica/documental e dois (2) aplicaram questionários. Quanto à abordagem quali-quantitativa, a pesquisadora optou por uma análise descritiva e interpretativista.

Quanto aos autores de referência os mais citados foram André Ludke que foram mencionados cinco vezes (5), Vilson Leffa, Luiz Paulo Moita Lopes foram indicados em três(3) estudos, Maria José Coracini, Bernadete Gatti foram citadas em dois (2) estudos, os outros autores foram mencionados somente uma (1) vez, dessa forma optei por não mencioná-los.

O material foi selecionado através dos resumos, que tratassem de alguma forma sobre oralidade, porém observei que somente por meio da leitura do resumo não poderia extrair todas as informações necessárias para compor essa revisão bibliográfica das análises dos materiais selecionados. Assim, iniciei a análise dos resultados dos estudos realizados fazendo anotações dos pontos mais relevantes nas pesquisas.

Passamos a analisar os resultados dos estudos. No que concerne a formação de professores, dos trabalhos analisados, quatro (4) apresentam a trajetória do ensino de espanhol nos estados que as pesquisas foram realizadas ou no Brasil. Os dados apresentados revelam todos os percalços que dificultou o acesso da língua espanhola nas escolas públicas, até a criação da lei 11.161/2005 (já mencionada anteriormente), até a mais recente lei de 2017, que torna optativo o ensino de espanhol nas escolas estaduais. Apresentam a relevância que torna importante o ensino de espanhol no Brasil. Segundo Santos “Nos últimos quinze anos, graças ao Mercosul despertou o interesse em aprender uma segunda língua, que importante para o mercado de trabalho, fez com que as pessoas recorressem ao espanhol” (SANTOS, 2017, p. 10)

Ainda sobre a formação de professores, os estudos apresentam que a formação é incompleta durante a graduação, que não apresenta carga horária ampla tanto na prática da oralidade, como também nas práticas de estágio supervisionados, sentindo que não estão preparados para o que possam encontrar em sala de aula. Martins (2017) afirma em sua que “o ensino de língua ainda é um desafio para a escola, pois, embora muitos professores tenham a noção de que atualmente não seja possível continuar a ensinar a língua ancorados nos preceitos de uma gramática prescritiva, essa prática ainda é difícil de ser efetivada” (MARTINS, 2017, p. 29). Assim, durante a formação de professores de LE, não é apresentada de que forma esses futuros professores devem trabalhar a oralidade em sala de aula.

Sobre as práticas de oralidade tanto na graduação como na sala de aula, os estudos revelam que os acadêmicos/futuros professores possam não estar adequadamente preparados para ensinar uma língua para o qual foram habilitados na licenciatura, e isso é tanto relatado pelos acadêmicos que participaram das pesquisas, como também por estudantes do ensino médio que participaram de alguns estudos. Análogo a isso, Oliveira (2017) menciona que “trabalhar oralidade em sala vai além de atividades que treinem a fala ou busquem aprimorá-la, é necessário promover exercícios que levem à reflexão sobre variados aspectos que compõem a exposição oral” (OLIVEIRA, 2017, p. 41).

As justificativas para não ter essa autonomia na oralidade são as mais variadas possíveis, são mencionados: vergonha, medo, insegurança de se expor oralmente e a falta de domínio na língua. E que a prática oral deve ser estimulada e incentivada, já que o professor não ensina a língua, mas sim o uso da língua. Segundo Marcuschi (2016, p. 132), a língua deve ser entendida “principalmente como uma atividade e não como um sistema ou forma. Ela é um domínio público de construção simbólico e interativo do mundo [...] é mais do que um conjunto de elementos sistemáticos de dizer o mundo”.

Dois estudos dos quais analisei mencionam a falta de bons materiais didáticos, pois os livros que chegam até as escolas ou universidades ainda trazem muitas atividades gramaticais, sem atividades que proponham a oralidade, tendo em vista que vivemos em uma sociedade que a escrita é vista com superioridade em relação a oralidade. Ramos apud Martins (2017) defende que a oralidade precisa ter espaço nas aulas de língua e a autora condena a visão da primazia da escrita sobre a fala, pois somente colocando as duas no mesmo nível que pode-se alcançar uma boa compreensão no processo de ensino.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Como metodologia para essa investigação, utilizo o estudo de caso, escolhendo ferramentas de caráter qualitativo interpretativista. Com o intuito de coletar dados para responder às perguntas de pesquisa, realizamos entrevistas com roteiros semi estruturados. Essa metodologia permite entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2017).

Desde essa perspectiva, é necessário que nós professores nos reconheçamos como pesquisadores com o intuito de descobrirmos novas práticas e poderem desenvolver novos materiais para a prática docente e novos conhecimentos. O professor que consegue relacionar o trabalho de pesquisa ao pedagógico torna-se um professor pesquisador de suas práticas pedagógicas que convive diariamente, estará se aperfeiçoando profissionalmente e desenvolvendo e refletindo uma melhor compreensão de suas ações e com certeza irá contribuir no ensino e aprendizagem.

Após conversa com a orientadora, optei em utilizar essa metodologia qualitativa semi estruturada para a pesquisa já que a partir dos dados apresentados pelos entrevistados poderíamos acrescentar perguntas ou retirar as que não fossem pertinentes para o momento. A pesquisa qualitativa poderá mostrar como e porque alguns acadêmicos percebem seu desenvolvimento com a oralidade e o que de fato contribui para que alguns tenham mais facilidade.

Percebendo que após terminar a graduação eu tinha mais facilidade em escrever do que na oralidade e após ler o texto sobre *Oralidade e escrita* (1997) de Marcuschi, em que aborda sobre o prestígio que tem a escrita em relação a oralidade, e se a oralidade está presente em diversas formas em nossas vidas e não somente em contextos informais, me pergunto: por que é tão cobrada a escrita em cursos de graduação de LE, se percebemos que a maior dificuldade está na oralidade? Isso ficou muito claro e pude compreender porque conseguia escrever tão bem espanhol, mas não acontecia o mesmo com a oralidade. A partir disso, desenvolvi as perguntas investigando como ocorre o processo de oralidade e escrita durante a graduação da Universidade Federal de Integração Latino-americano (UNILA) com acadêmicos de Letras Espanhol- Português como Língua Estrangeira (LEPLE).

5.1 SOBRE A INSTITUIÇÃO - UNILA E O CURSO DE LEPLE

Com suporte na Proposta Pedagógica Curricular (PPC) de LEPLE, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, criada pela Lei nº 12.189/2010, é um órgão de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. Com tendência latino-americana, a instituição tem o compromisso com a sociedade multicultural e cidadã, visando à formação de acadêmicos, pesquisadores e profissionais para o desenvolvimento e a integração regional, como o incentivo à produção cultural e ao desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

O interesse da UNILA é o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e com os demais países

da América Latina. Os cursos oferecidos são em áreas de interesse recíproco dos países da América Latina, sobretudo dos membros do Mercosul, em áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regionais. São oferecidos pela instituição 29 cursos de graduação, com processo seletivo uma (1) vez por ano, com exceção é o curso de Música, que tem processo seletivo próprio (porém, também utiliza a nota do ENEM).

A proposta do curso de Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras (LEPLE), como área do conhecimento em linguística, letras e artes, na modalidade presencial, confere o grau de licenciado em Letras- espanhol e português como línguas estrangeiras, habilitando o acadêmico a ministrar aula de espanhol e português como línguas estrangeiras. O curso, que possui carga horária de 4.352 horas/aula e 3.627 horas, respectivamente, é realizado no período noturno, ofertando 50 (cinquenta) vagas anuais e possui duração de 9 semestres (duração mínima) e 13 semestres (duração máxima). Recebeu sua primeira turma em 2015.

Na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, o ingresso é através do Sistema de seleção unificada (SISU), Processo seletivo internacional ou através de reopção, transferência, reingresso e ingresso de portadores de diploma. Ao longo do curso o estudante terá desenvolvido habilidades para interpretar todas as formas de discurso, habilidades na língua portuguesa e espanhola tanto nas manifestações orais e escritas, quanto na compreensão quanto na produção. Além disso, prevê o PPC que o aprendiz será capaz de se posicionar criticamente sobre linguagem como fenômeno educacional, social, histórico, cultural e etc. Nesse percurso, o professor em formação terá domínio dos conteúdos básicos como preparação profissional atualizada e consciência da importância da formação continuada, atuação pedagógica em diferentes contextos interculturais.

5.2 RELATÓRIO NIPPEI PERFIL DOS/AS ESTUDANTES DO CURSO DE LEPLE

O Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Práticas em Educação Intercultural (NIPPEI) é responsável por auxiliar pedagogicamente os cursos do Instituto Latino Americano de História e Cultura (ILAACH), no qual o curso está alocado. Este núcleo produz relatórios periódicos dos cursos e utilizaremos nesta pesquisa a última versão disponível de tal relatório com o objetivo de apresentar o contexto do curso de LEPLE e seus estudantes.

Os dados do relatório do foram obtidos através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades acadêmicas (SIGAA) entre os anos de 2015 a janeiro de 2019. O relatório contém 33 páginas, que visa apresentar o panorama geral do curso, bem como uma visão geral dos discentes que ingressam no curso de LEPLE da UNILA, como também aqueles que concluíram a formação.

De 2015 a fevereiro de 2019, 198 acadêmicos ingressam no curso de LEPLE e, conforme podemos observar no gráfico 1, o ano que houve menos entrada foi em 2017 e o ano que houve maior entrada foi em 2018.

Gráfico 1: Evolução e número de estudantes que ingressaram no curso de LEPLE

Gráfico 1: Evolução e número de estudantes que ingressaram no curso de LEPLE (2015-2018)



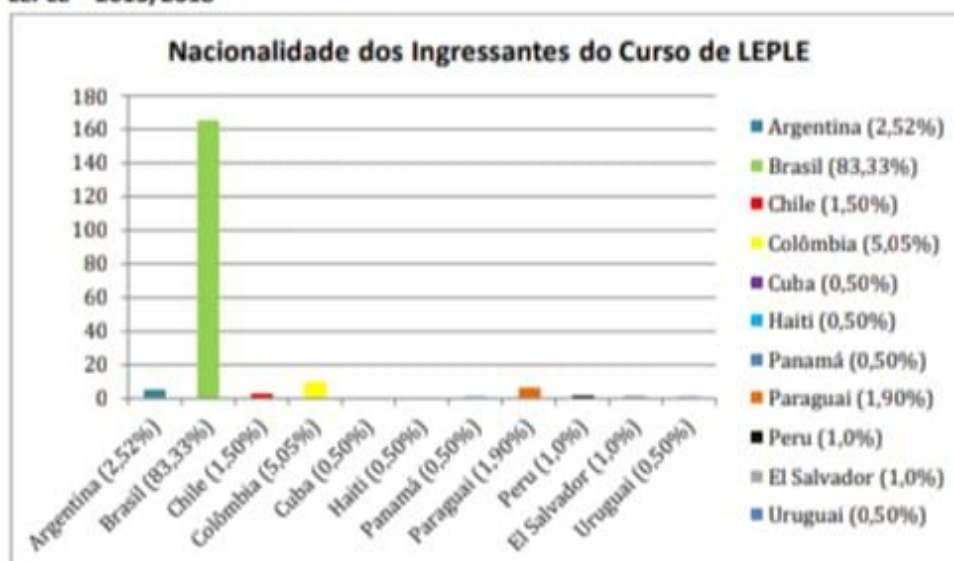
Fonte: Elaboração dos autores, com base no relatório do SIGAA, módulo *Graduação*, gerado em Fev. 2019.

Figura 1: Dados do NIPPEI (2019).

Dos anos de 2015 a 2018 a maioria dos acadêmicos que ingressaram no curso foi de brasileiros (165 acadêmicos em torno de 83,33%), em seguida vem os colombianos (10 acadêmicos 5,05%), depois os paraguaios (07 acadêmicos- 1,90%) e argentinos (5 acadêmicos- 2,52%). Dessa forma, um total de 33 estudantes, 16,67%, são estrangeiros, todos latino-americanos, conforme vemos a seguir no gráfico 2.

Gráfico 2: Nacionalidade dos estudantes que ingressaram no curso de LEPLE

Gráfico 2: Nacionalidade das/dos estudantes que ingressaram no Curso de LEPLE – 2015/2018



Fonte: Elaboração dos autores, com base no relatório do SIGAA, módulo *Graduação*, gerado em Fev. 2019.

Figura 2: Dados do NIPPEI (2019).

Sobre o perfil étnico-racial dos estudantes, é importante destacar que não é obrigatório declarar a raça/cor no formulário de matrícula. Dessa forma, não é possível dizer com

precisão a evasão, a permanência e a diplomação dos estudantes que ingressaram por meio de cotas, tampouco compreender os parâmetros entre, raça, ingresso e permanência. O perfil dos estudantes de LEPLE que está disponível no NIPPEI é dos acadêmicos que se autodeclararam, sendo que a maioria se autodeclararam brancos 49,49%, em seguida os pardos somam 24,24%, os pretos 12,12%, não se autodeclararam somam 8,58%, amarelos e indígenas menos de 4% cada.

Dos estudantes que ingressaram no curso de LEPLE, a maioria é composto pelo gênero feminino (135 mulheres, em torno de 68,18). O curso em sua maioria é formado por jovens entre 21-30 anos, o que corresponde a (83 estudantes-41,91), dos 17-20 anos somam (67 estudantes- 33,85%), na faixa etária de 31-40 são em torno de 24 estudantes (12,12%).

5.3 CATEGORIAS E ROTEIRO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os sentidos sobre a oralidade que os acadêmicos da UNILA desenvolvem durante a graduação de LEPLE. A investigação foi qualitativa- semiestruturada, pois esse tipo de pesquisa permite mais flexibilidade a quem entrevista já que as perguntas podem ser reorganizadas segundo as respostas. Esta forma de pesquisa possui um roteiro prévio, mas sede espaço para que o entrevistador possa fazer perguntas fora do que havia planejado. Assim, o diálogo torna-se mais natural e deixa o entrevistado mais à vontade para responder as perguntas.

Como a Unila é uma instituição integrada, ou seja, recebe estudantes de toda América-latina sendo possível para os brasileiros praticar a oralidade, esperava encontrar acadêmicos mais confiantes nessa questão, no entanto encontrei estudantes que não se sentem seguros em relação a oralidade, aproveitam pouco as oportunidades que tem para interagir em espanhol e não se sentem preparados para ministrar aulas.

Devido à pandemia muitos acadêmicos voltam para suas cidades de origem ou país, entramos em contato através dos telefones fornecidos no momento da matrícula, no entanto não conseguimos encontrar muitos, dos que conseguimos entrar em contato selecionamos sete estudantes, selecionamos dois (2) que já haviam feito intercâmbio durante a graduação e os demais que tiveram em algum momento contato com a língua espanhola antes da graduação. Estudantes muito gentis, abertos a responder todas as perguntas, foram conversas que fluíram muito bem, me identifiquei muito com os relatos deles na época em que eu estava na graduação.

A pesquisa procura responder às seguintes perguntas:

- 1) Porque você optou por Letras-Português e espanhol?
- 2) Antes de iniciar a graduação você já havia estudado espanhol?
- 3) Você sente-se confortável em falar espanhol?
- 4) Você já teve a oportunidade de falar espanhol fora da universidade? Como foi sua experiência em relação a isso?
- 5) Observando seu percurso até aqui, você observa que pratica mais a oralidade do que escreve?
- 6) Você acha que somente com a faculdade consegue alcançar um bom nível de oralidade?

7) A formação inicial (graduação) te ajuda a desenvolver a oralidade, ou seja, te dá suporte e te oferece ferramentas para que você futuro professor de espanhol possa praticar a oralidade?

Através dessas perguntas pretendia investigar como está se desenvolvendo a prática docente na formação de professores, pois como observado por meio de uma hipótese por mim verificada e da revisão bibliográfica, em que a oralidade carece de mais atenção. Conforme já exposto, aplicamos um questionário com sete (7) acadêmicos de LEPLÉ da UNILA, foram estudantes do início da graduação até o último ano. Ressalto a importância de apresentar o questionário que encontra-se acima (o mesmo segue na íntegra nos anexos).

5.4 CATEGORIAS DA PESQUISA

A pesquisa está dividida em três (3) categorias de discussão, sendo elas: 1) Oralidade como prática social- experiências; 2) Formação de professores e oralidade e, 3) Oralidade em paralelo com a escrita.

Por meio da primeira categoria, oralidade como prática social- experiências, defini as seguintes perguntas: Antes de iniciar a graduação você já havia estudado espanhol? Você sente-se confortável em falar espanhol? Você já teve a oportunidade de falar espanhol fora da universidade? Como foi sua experiência em relação a isso? Com estas perguntas tinha a intenção de verificar qual o contato que tiveram com a língua e como é essa relação do idioma como prática social, tendo em vista que a oralidade está presente em nossas vidas de diversas formas, tanto nos contextos informais como formais.

Na segunda categoria, formação de professores e oralidade: Porque você optou por Letras- Português e Espanhol? Você acha que somente com a faculdade consegue alcançar um bom nível de oralidade? A formação inicial (graduação) te ajuda a desenvolver a oralidade, ou seja, te dá suporte e te oferece ferramentas para que você futuro professor de espanhol possa praticar a oralidade? Com a primeira pergunta dessa categoria tinha o objetivo de investigar se os acadêmicos optaram por Letras Português e Espanhol como Língua Estrangeira por afinidade com a língua ou pelo desejo de serem professores. Foi muito interessante porque as respostas foram bem variadas: dois estudantes responderam que são apaixonados pelo espanhol, por isso optaram; dois acadêmicos responderam que não tinham a intenção, mas foi pela nota que obtiveram no ENEM, e três por se identificar com português e literatura.

Com a segunda pergunta da categoria pretendia investigar se somente com a faculdade consegue desenvolver um bom nível de oralidade. Dos sete (7) entrevistados, dois (2) responderam que sim depende do empenho do estudante, os demais responderam que não, porque o tempo é pouco, tem somente um dia de espanhol na semana e não vai até o final do curso. A terceira pergunta se a universidade oferece ferramentas para que possa praticar a oralidade, todos os entrevistados mencionaram o *Tandem*, mas para os brasileiros que estudam na UNILA é difícil participar porque trabalham durante o dia, no entanto acredito que oferecer somente uma opção de ferramenta não é o suficiente para desenvolver a oralidade.

Na terceira categoria, oralidade em paralelo com a escrita, investiguei se eles falavam mais do que escreviam ou ao contrário. Somente dois (2) dos entrevistados

responderam que há um equilíbrio, os dois são trabalhados da mesma forma, os outros cinco (5) entrevistados responderam que desenvolvem mais a escrita que a fala, que tem muita gramática, escutam bastante o idioma, mas isso não é o suficiente para desenvolver a oralidade.

5.5 ROTEIRO E APLICAÇÃO

Devido a pandemia da Covid-19 que iniciou em março de 2020, as entrevistas foram realizadas via *Meet*, todas gravadas e depois transcritas. Realizamos as entrevistas de março a junho de 2021, com a duração de aproximadamente 23 minutos cada. Todos os encontros foram previamente agendados com auxílio da orientadora. Entrevistei sete acadêmicos, sendo três (3) do início da graduação, dois (2) da metade do curso, dois (2) que estão finalizado a graduação, sendo que dois (2) dos entrevistados tiveram a oportunidade de fazer intercâmbio. Os entrevistados tinham idade entre 21 e 44 anos. Ao início da pesquisa pretendia observar algumas aulas de espanhol na universidade, no entanto as aulas foram suspensas que impossibilitou essa prática

Todos os entrevistados preencheram o formulário de consentimento, assim os nomes na análise dos dados não serão mencionados e sim serão substituídos por estudante 1, estudante 2, estudante 3... com a abreviação E1, E2, E3. O referencial teórico que serviu de aporte para a análise dos dados nas questões relacionadas à oralidade no contexto de aprendizagem de língua estrangeira (LEFFA, 2008; MARCUSCHI, 1997, 2016)

A partir dos dados coletados foram feitas análises observando os pontos relevantes e categorizando-os por meio das três categorias de análise supracitadas. Dessa forma como resultado o estudo de caso tratará a análise na formação de docentes no curso de LEPLE, da UNILA.

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

	Idade	Ano da graduação	Nível de espanhol	Experiência docente	Intercâmbio	Motivo intercâmbio
E1	29	5º ano	Avançado	Sim	Sim	Contato com outras culturas
E2	29	3º ano	Intermediário 2	Não	Sim	Conhecer países que falam espanhol
E3	42	2ºano	Básico	Não	Não	---
E4	44	2º ano	Intermediário 2	Não	Não	---
E5	35	2º ano	Intermediário	Não	Não	---
E6	21	3º ano	Avançado 1	Não	Não	---
E7	28	5º ano	Avançado 2	Não	Não	---

Fonte: a autora.

5.6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo analiso as respostas fornecidas pelos entrevistados, com o objetivo principal de verificar como os/ as estudantes, professores em formação estão desenvolvendo a parte oral, que julgo ser uma das etapas mais difíceis quando estamos aprendendo uma segunda língua. A análise está dividida em três seções. A primeira analiso a oralidade como prática social, partindo das experiências dos acadêmicos com a Língua espanhola. Na segunda seção analiso como está sendo a prática com a oralidade para esses professores em formação. Em seguida, na terceira seção, analiso como está se desenvolvendo a prática da oralidade e da escrita e se as duas habilidades estão sendo trabalhadas da mesma forma.

5.6.1 ORALIDADE COMO PRÁTICA SOCIAL: EXPERIÊNCIAS

Nessa seção analiso as respostas fornecidas pelos entrevistados coletadas durante as entrevistas, com o objetivo principal de verificar até que ponto as atividades orais propostas durante a graduação ajudam os acadêmicos/ professores em formação a produzirem textos orais eficazes, bem como interagir e se comunicar em espanhol.

Após realizar as entrevistas observei que os acadêmicos que tiveram a oportunidade de ter mais contato com a língua espanhola, independentemente de terem feito intercâmbio ou curso de espanhol antes de iniciarem a graduação, como relataram os estudantes 1, 2 e 5, sentem-se mais confortáveis em falar espanhol. No entanto, todos relataram que quando precisam apresentar trabalhos em espanhol na faculdade sentem-se inseguros.

Na visão dos alunos, o estudante E1 percebe que o espanhol dele é mais informal:

Se eu tenho meia chance assim, eu vou me mostrar mesmo (risos) e conversar, talvez no contexto que eu fique um pouco mais insegura, seja o acadêmico mesmo, porque acabou que meu espanhol se desenvolveu muito no contato com as pessoas (E1).

Por sua vez, o acadêmico E2 menciona:

Então eu acho que tenho mais insegurança se eu tenho que falar eu vou usar o exemplo da UNILA, se eu tenho que falar com algum brasileiro, meus amigos brasileiros, se eu estou diante de um hispano hablante seja em qualquer situação eu não tenho essa trava, eu não fico insegura eu falo dentro das minhas limitações (E2).

O E5 aproveita todas as oportunidades de falar espanhol, isso ajuda a não ter insegurança, ele entende que a única forma de aprender falar espanhol é falando:

Sim, aproveito todas as oportunidades, na verdade o que ajudou muito(...) Eu vi que a Unila se destacava assim além de todas as outras, estratosférica em relação às

outras porque ela tinha aquela questão da América-latina , de trazer o estrangeiro para cá (inaudível) aqui eu tenho um relacionamento muito estreito, eu tenho muitos amigos que são chilenos, tenho amigos que são colombianos, venezuelanos, então eu aproveito muito essa riqueza de informações. (E5)

E menciona que o contexto da UNILA, por terem vários hispano-falantes, contribuiu muito para que ele desenvolvesse o espanhol. Além disso, que não sente insegurança, apesar de não falar muito bem. Já os demais acadêmicos relatam que sentem muita insegurança, que diante de um hispano-falante até tentam falar espanhol, porém devido à dificuldade na oralidade preferem falar português. Em outro posicionamento, pondera o aluno E3: “*Estou tendo muita dificuldade, eu queria mais era falar e entender espanhol, até trabalhar mais com significado das palavras né, pra gente ter aquele melhor relacionamento*”. Assim como relata o E6:

Eu tenho(se referindo a dificuldade com o idioma), mas não tanto quanto alguns colegas, percebo colegas com muito mais dificuldade que eu, porque eu já fazia espanhol antes de entrar no curso, isso me ajudou muito, eu fazia teatro, em uma peça eu falava muito em espanhol, mesmo não sendo perfeito, ainda tenho algumas dificuldade e a questão da prática constante, quanto mais você pratica vai ficando melhor e você se sente mais confortável. (E6)

Dessa forma, poderíamos apontar que o curso não oferece ferramentas suficientes para que os acadêmicos tenham autonomia e sintam confiança para falar espanhol fora da Universidade, como também em contexto acadêmico. Nesse sentido, Leffa (1988) nos diz que algumas abordagens ainda estão muito presas à estrutura da língua, não oferece autonomia ao aprendiz, gerando assim insegurança ou até mesmo medo se precisam falar o idioma, apresentam resistência em falar no contexto acadêmico que estão aprendendo. Referente a isso, todos os entrevistados relataram que observam resistência por parte dos colegas em falar espanhol nas atividades propostas.

Se pensarmos que esses aprendizes que são professores em formação, estão aprendendo a língua, então não deveriam apresentar tamanha resistência, já que estão no espaço adequado para a aprendizagem, estão em contato direto com hispano-falantes, já que a UNILA é um ótimo espaço para a prática da oralidade. Segundo Marcuschi (2016), a oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia-a-dia, temos contato com a oralidade desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e adequamos a oralidade de um modo diferente em cada situação comunicativa, já que quando estamos com amigos falamos de uma forma, quando estamos no trabalho falamos de outra forma, se apresentamos um trabalho na faculdade utilizamos termos mais científicos. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização.

Quando perguntado sobre os hispanos que estão na UNILA, com relação a prática de oralidade do português, como eles estão desenvolvendo, todos os acadêmicos relataram que eles têm muita facilidade em aprender nossa língua. Na percepção do entrevistado E3:

Menina do céu, eu falo para eles que eles vem de outro planeta, porque eu nunca vi gente para aprender português igual esse povo menina, meus amigos falam português que nem parece que são colombianos que são não sei da onde é uma maravilha, eu falo que o português deve ser muito fácil de falar, porque eles não têm dificuldade em aprender, mas uma amiga disse “ é o seguinte a gente trabalha o dia inteiro, a gente tem filho, a gente tem casa, tem isso, tem aquilo, eles vem lá do país deles, chega aqui eles tem tempo para estudar, eles ficam o dia inteiro estudando (E3).

Mas, na UNILA os acadêmicos brasileiros têm a oportunidade de praticar a oralidade com os hispanos e o que é melhor de aprender toda a variação linguística do espanhol, já que na UNILA temos colombianos, paraguaios, venezuelanos, peruanos, dentre outras nacionalidades hispanos.

Retornando aos dados da pesquisa, todos os acadêmicos entrevistados relataram sobre o *Tandem* que era oferecido pela Universidade, no entanto devido ao trabalho ou por ser ofertado durante o horário de aula eles tiveram que parar. Acredito ser uma boa estratégia oferecida pela faculdade, já que durante o *Tandem* os discentes têm a oportunidade de ter contato com a língua, fazer amizade com os hispanos e de perder essa insegurança que relataram, já que não tem outra forma de aprender a falar a língua sem ser falando, segundo Marcuschi (1997, p. 120), “não se trata, com isso, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que ela tem uma ‘primazia cronológica indiscutível (...) A fala é adquirida em contextos informais do dia a dia’”.

5.6.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE) E ORALIDADE

Quando finalizei a graduação senti que somente com o espanhol que havia estudado na universidade não seria suficiente. Nesse sentido, uma das minhas preocupações em estar em sala de aula era não saber responder às perguntas dos estudantes. Sobre essa insegurança, umas das minhas hipóteses é de que somente o espanhol que é oferecido durante o curso não prepara o professor para a oralidade em sala de aula. Assim queria investigar como está sendo essa formação de professores de LE, se os acadêmicos de LEPLA acreditavam que somente com o espanhol oferecido pela universidade seria o suficiente para ensinar espanhol.

As respostas foram bem divididas: E1 relatou que a estar na UNILA ajudou muito a desenvolver a oralidade, pois ela não falava nada em espanhol e acreditava que falava bem, mas quando chegou na Colômbia percebeu que não entendia nada. Em sua fala:

Pelo menos na minha experiência foi um pouco travado eu acho, mas aí eu não sei se era uma coisa do método eu se era minha mesmo(...) eu acho que o que eu fui aprendendo de espanhol na UNILA me deu uma base muito boa, mas nesse sentido o contato com a conversação foi fundamental e eu percebo que outros colegas que não tiveram essa oportunidade da vivência que eu tive, eu sinto que eles não tiveram o mesmo desenvolvimento, por exemplo (E1).

Todos os estudantes entrevistados mencionaram que há incentivo por parte dos professores para que eles pratiquem espanhol: “*Tem o incentivo sim, todos os professores que eu tive(...) por que assim não tem lógica vou ficar aprendendo um idioma e falando outro, não tem sentido*”. E5. Podemos observar que o que dificulta é a resistência dos acadêmicos, é o que relata o participante E2 “*Se quiser sim, porque tem uma galera que tem resistência*” e “*meus professores, a maioria das vezes tem essa oportunidade ou é incentivado (a oralidade) ou alguma atividade propõe te deixa livre se você quer falar em espanhol*”. No entanto, os colegas apresentaram resistência nas atividades que os professores propõem a prática de oralidade foi o que relatou o E2, E4 e E5. Dentre a visão de alguns dos entrevistados, destaco que o E7 discorda com o E5 dizendo que nenhuma disciplina é toda em espanhol.:

Nenhuma foi 100 % em espanhol, o último antes do avançado, eu não lembro o nome é uma outra coisa, o professor fala com a gente a maior parte do tempo em espanhol, porém algumas coisas dinâmicas acabava indo para o português, porque

os próprios alunos cobravam isso dele, eu sentia que ele preferia levar tudo no espanhol, mas a galera reclamava muito, então 100% em espanhol não (E2);

Eu vejo que na aula assim as pessoas que sabem falar um pouco eles tem vergonha, que não tem confiança, fala mas a gente fala com vergonha, fala com dificuldade, as pessoas tem vergonha de praticar, tem vergonha de falar, porque não tem aquela confiança, não sabe se estão falando corretamente (E4).

Acredito que essa resistência relatada por esses professores em formação seja decorrente da falta de prática e não necessariamente disciplinas. Assim, retomo a ideia de que deveria ser oferecida como uma forma de ferramenta alguma atividade ou curso de extensão referente ao *Tandem*, alguma atividade que parta desse princípio. Como cita Marcuschi (1997), abrangendo relação dialógica no uso da língua, estratégias linguística, envolvimento e situacionalidade, que a perspectiva interacionista. Na voz do autor, “Esse modelo tem o poder de perceber com mais sistematicidade a língua como fenômeno dinâmico e ao mesmo tempo estereotipado voltado para as atividades dialógicas” (MARCUSCHI, 1997, p. 132). Tendo a possibilidade de abordar os fenômenos de compreensão na interação oral e na interação do texto escrito, tendo em vista que a maior dificuldade mencionada pelos acadêmicos está na oralidade.

Outros posicionamentos que chamam atenção foi do entrevistado E3, quando este relata: “a gente tá estudando muita gramática a gente até falou para o professor que a gente precisa ler mais(...) Então a gente começou reclamar para o professor para dar outro tipo de atividade para que a gente possa interagir mais a oralidade”(E3). Compreendo que estudar a gramática é importante, pois precisamos conhecer a língua que vamos ensinar, mas acredito que os dois devam ser trabalhados da mesma forma tanto a gramática como a oralidade e a fala do estudante parece mesmo apontar para a necessidade desses espaços de experiência com a língua mais focados em práticas de oralidade.

Fragmentos de entrevistas dos E4 e E7 disseram que o tempo é pouco para aprender espanhol na graduação e ministrar aula: “Não. Uma porque o tempo é pouco, se você for fazer só o que aprende nas aulas não te dá uma base para você dizer ‘vou sair daqui dando aula de espanhol’ (E4) e “Não, não é o suficiente nem para dar aula de português na escola” (E7).

Até mesmo o E2, que tem um pouco mais de experiência com a língua e está se preparando para o estágio supervisionado, afirma que se sente 60% preparado para ministrar aula: “Mais ou menos, mas não só pela questão da fala em espanhol, mas por todo o contexto de você dar aula, eu acho que eu fico insegura se fosse em português também” (E2).

Ao perguntar para o E7, que está finalizando a graduação, se ele tinha espanhol todos os dias e se era até o final do curso, o participante pondera:

Olha, quase todos meus colegas brasileiros sempre reclamaram e pontuaram a questão de não ter mais tempo a disciplina de espanhol, claro que às vezes a gente entra no comodismo, na preguiça e é bem difícil aprender idiomas, eu sinto muita dificuldade, eu acho que deveria ter um pouco mais de espanhol até o fim da faculdade (...) quatro aulas uma atrás da outra, teve o básico, o intermediário 1 e o 2, o avançado 1 e o 2, então foram cinco semestres, que é a metade do curso e depois não tem mais espanhol (E7).

Diante dos fatos expostos acima que pude colher durante as entrevistas, avalio que as respostas fornecidas pelos entrevistados iam muito de encontro com minhas informações obtidas na revisão bibliográfica, já que as pesquisas que foram lidas apontam que a formação é incompleta durante a graduação; que não apresenta carga horária ampla tanto na prática da oralidade, como também nas práticas de estágio supervisionados; sentindo que os acadêmicos que são professores em formação não estão preparados.

Segundo Marcuschi (1997), a oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia a dia, que temos contato desde o nosso nascimento. Estamos inseridos em situações sociais e cabe a nós nos comportamos de um modo diferente diante de cada situação comunicativa. O contexto é que define o tipo de linguagem que devemos utilizar. Dessa forma, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização. No entanto, observei pelas respostas dos entrevistados que há sim muita resistência dos acadêmicos em falar espanhol, mas acredito que essa resistência poderia ser minimizada se tivesse mais tempo de espanhol durante a graduação para que os estudantes sintam mais confiança em se comunicar nessa língua, tendo em vista que esses acadêmicos estão inseridos na UNILA que favorece essa prática da oralidade.

Dos discentes entrevistados, 2 já tiveram a disciplina de Estágio Supervisionado, então minha intenção foi verificar como ocorreu essa prática em relação à oralidade, já que para mim foi muito tenso e não me sentia preparada. A E1 afirma que sentiu-se mais confortável em falar o idioma, já que aproveita as oportunidades para expressar, relatando que o estágio foi mais tranquilo. Já o participante E7, que está no final da graduação, avalia que não se sente confortável em falar espanhol, relatando que não foi uma experiência tão boa, pela falta de segurança. O que temos que analisar aqui é que são poucos os acadêmicos que passam por cima da timidez para praticar a oralidade: dos sete (7) acadêmicos entrevistados, somente três (3) procuram interagir com os hispanos para praticar.

5.6.3 ORALIDADE EM PARALELO COM A ESCRITA

Para o acadêmico se tornar consciente da interação produzida pela linguagem, são necessárias práticas didáticas efetivas no contexto acadêmico, especialmente no que diz respeito à oralidade, que, a meu ver, é uma das partes mais difíceis para a aquisição de uma segunda língua. O resultado da pesquisa, como também na revisão bibliográfica, apontam que os acadêmicos escrevem mais do que praticam a oralidade em sala de aula: dos sete (7) entrevistados do curso de LEPLÉ, cinco (5) relataram ocorrer isso. Diante do exposto, os acadêmicos apresentam difícil relação com o texto oral no ambiente acadêmico, criando certos estigmas e obstáculos como insegurança, medo de falar errado, pela falta de prática com a oralidade. Nesse sentido, um dos entrevistados relatou que pediu para o professor textos e filmes em espanhol, já que o fragmentos de alguns depoimentos dos acadêmicos de LEPLÉ, obtidos na pesquisa, confirmam a noção estigmatizada sobre que a escrita tem sobre a oralidade, bem como demonstram toda as dificuldades que os acadêmicos têm ao lidar com essa modalidade da língua que está muito direcionado a gramática, conforme vemos:

Eu tô com muita dificuldade mesmo para falar o espanhol para entender também. Para ler e escrever até que vai né, para mim falar e entender eu tenho muita dificuldade(E3);

Sim, a gente escreve muito mais do que fala e eu acho que o falar é muito mais importante, porque quanto mais você fala mais você compreende, mais você consegue escrever (E4).

Não me refiro a propor uma substituição do estudo da escrita, leitura ou da gramática, pela prática da oralidade. O argumento não é escolher apenas um desses eixos de ensino, mas reconhecer que para desenvolvermos a habilidade de usar a LE precisamos fazer uso de todas as habilidades linguísticas, inclusive a modalidade oral, que do meu ponto de vista, ainda é tratada como inferior.

Marcuschi (1997) menciona que pela oralidade ter surgido antes em nossas vidas, já que adquirimos em contextos naturais e informais e a escrita ter surgido depois e termos contato um pouco mais tardio, através da escola ela é tratada com mais prestígio em relação à oralidade. E suas palavras: “Daí seu caráter mais prestigioso, um bem cultural desejável” (MARCUSCHI, 1997, p. 120). Ou seja, é algo cultural que a escrita tenha mais prestígio, que é um equívoco, é impossível imaginar nossas vidas sem a oralidade e a escrita, ambas têm a mesma importância. Em relação a prática da oralidade e da escrita, qual praticavam mais, observamos:

Eu me sinto confortável com os dois, que pergunta difícil, quando eu escrevo um texto acho que ele tá ótimo, mas aí vou ver tem que melhorar muito e falar, você começa aí você para e pensa acho que isso tá errado, mas acho que escrever tenho mais facilidade (E6);

Eu acho que a gente escutava mais, lia mais do que falava, falar era bem menos (E7).

Martins (2017) menciona que somente trabalhando as duas habilidades (oralidade e escrita) juntas é que se alcança uma boa compreensão no processo de ensino. Em sua pesquisa, Martins (2017) avalia ser preciso considerar e aproveitar a variação linguística, pois é uma forma de minimizar o preconceito linguístico presentes na sociedade, que foi mencionado pelos acadêmicos essa resistência que tem em praticar a oralidade. O ideal seria que as duas habilidades estivessem juntas, isso é, fossem trabalhadas em paralelo. Nessa esteira, assevera Marcuschi (2003, p. 17) “sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve”. Assim, tanto escrita como oralidade são práticas importantes da língua, cada uma delas com suas próprias características e especificidades.

Sobre esses argumentos, observamos pelos relatos que mesmo quando os acadêmicos têm a oportunidade de praticar a oralidade em espanhol, eles preferem falar português:

No meu trabalho eu tenho bastante oportunidade, ou posso mandar um áudio, porque eu mando áudio em português, então eu poderia muito bem mandar em espanhol, às vezes eu escrevo, quando a palavra tá errada o corretor avisa aí eu volto, mas muitas coisas eu lembro como escreve por causa da faculdade (E7).

E7 ainda observa que têm a oportunidade de praticar a língua que está aprendendo mesmo fora da universidade, mas prefere falar em português ou escrever em espanhol pela insegurança em relação à língua. Claro que durante a graduação não aprendemos tudo, vamos adquirindo habilidades com a prática ao estar na sala de aula, mas acredito que a oralidade

deve ser melhor trabalhada e a universidade deve encontrar meios para oferecer ferramentas para que o acadêmico desenvolva não somente a escrita, como também a oralidade.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho foi guiada pela necessidade da prática da oralidade em sala de aula durante a graduação, que considerasse a oralidade pelos acadêmicos de LEPLE dentro e fora do contexto acadêmico. Nesse sentido, dois fatores importantes influenciaram a realização desta pesquisa: minha experiência como discente de LE e minha prática docente como professora de LE. Essas motivações, levaram à investigação e à busca por respostas e por prováveis caminhos para seguir como professora, dentro da sala de aula.

Marcuschi (1997), em seu estudo sobre a língua falada, defende que a escola, e aqui cito o curso de graduação de LE, precisa redefinir seu olhar para a oralidade, mas sem considerá-la como superior as demais habilidades linguísticas. As duas modalidades (oralidade e escrita) devem estar juntas, inseridas no contexto de ensino, de forma a encerrar a visão de que esse ambiente é o lugar do aprendizado exclusivamente da escrita, afinal “o homem é tipicamente um ser que fala e não um ser que escreve” (MARCUSCHI, 1997, p. 39). O autor defende que é possível trabalhar a oralidade nas aulas, mas não somente de forma a ensinar a falar, mas também de identificar toda a riqueza, variedade e importância do uso da língua oral.

O que pude observar através das entrevistas é que os professores em formação, mesmo aqueles que estão finalizando o curso, não se sentem preparados para a prática de oralidade em sala de aula e que esses acadêmicos apresentam resistência às práticas de oralidade dentro e fora da universidade. Dessa forma cabe a cada professor, perante sua realidade, perante os interesses e de problemas de seus estudantes, pensar em suas atividades propostas e em sua prática, oferecendo ferramentas que possam ajudar seus discentes e a si mesmo a perder essa insegurança e resistência em relação a oralidade como o Tandem que foi mencionado por todos os estudantes, talvez seria uma opção considerar como um auxiliador para que a prática da oralidade seja trabalhada/potencializada nas aulas de LE e com isso, os alunos possam se sentir mais seguros no momento de comunicar-se na língua espanhola

Espero, por meio desse trabalho, incentivar novos estudos que possam contribuir para o desenvolvimento da oralidade em curso de Letras-espanhol, tendo em vista que são poucos os materiais encontrados nesse contexto. Não é necessário o estudante fazer intercâmbio para se apropriar da oralidade de espanhol, já que na UNILA, devido ao contexto, é praticamente um intercâmbio. Acredito, portanto, que falta incentivo para que esses estudantes sintam confiança em praticar a oralidade dentro e fora da universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. VOLOCHINOV, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997
- BERTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- CARVALHO, K. C. **Formação de professores de espanhol: algumas reflexões**. *Estudos Linguísticos*, v. 2, n. 40, p. 697-706, 2011.
- CHAVES, N. M. **Formação docente e habilidades sociais: Contribuição para formação integral de estudantes universitários**. *Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém*, Vol. 5, N. ° 3, 2017, pp. 99-114. ISBN: 2182-9608.
- CORDEIRO, E. N. **Por que utilizar foco na forma nas aulas de espanhol**. *Revista X*. Volume 1, 2012, p. 24 a 38. UFPR.
- CRUZ, M. L. **Estágios de interlíngua**: Estudo longitudinal centrado na oralidade de brasileiros aprendizes de espanhol. Unicamp. Campinas, 2001.
- LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada**: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.
- MARCUSCHI, L. A. **O papel da linguística no ensino de línguas**. Rio de Janeiro: *Revista Diadorim*, n. 18, volume 2. 2016. p. 12-31
- MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e escrita**. Conferência de abertura do II Encontro Franco-Brasileiro de Ensino de Línguas. UFRN. Natal, 1997, p. 119-145.
- MARTINS, C. Claudia. **O uso da habilidade oral em Língua espanhola na sala de aula: Realidade ou utopia**. UNIPAMPA. Bagé- Rio grande do Sul, 2013.
- OLIVEIRA MARTINS, T. N. **A oralidade como objeto de ensino: Um estudo sobre o público do oral em contextos escolar e extraescolar**. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte, 2017.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SANTOS, N. T. **A importância do ensino de espanhol e uma análise da prática da oralidade**: Uma ótica através da abordagem comunicativa. Universidade Estadual da Paraíba. 2017.

ANEXOS - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA COM ESTUDANTE 1

Eliane: Durante a graduação me sentia insegura em falar espanhol, isso acontece com você?

EI: *Não mais, acontecia. Eu me sentia insegura, até porque quando eu comecei o curso na UNILA, eu tinha lhufas, zero em espanhol, então para falar era muito travado, ficava com vergonha, com o tempo foi desenvolvendo, mas o que me ajudou, que pelo menos no contexto da UNILA eu vivi com pessoas hispano hablante, paraguaios venezuelanos e uma amiga equatoriana e depois eu fiz o intercâmbio como eu respondi na enquetizinha. Depois do intercâmbio mudou tudo.*

Eliane: Depois tenho perguntas sobre o intercâmbio. Porque você optou por fazer letras-português- espanhol?

EI: *Na verdade, antes eu queria fazer qualquer outra língua (risos), porque é como eu falei, talvez aí na fronteira tenha uma proximidade, mas aqui em São Paulo é meio assim, quem né? Agora meu sobrinho eu vejo que ele tem colegas de classe que são venezuelanos, então ele tem um interesse maior, ele teve contato, achou interessante, mas eu cheguei meio que assim zero. Quando eu decidi ir para a UNILA foi meio que, a nota que deu, porque foi uma amiga também que me convenceu, eu tava fazendo cursinho com ela, eu fiz três anos de cursinho para conseguir passar numa pública, porque eu falei que eu não ia pagar, já passei muito tempo na escola pública e não é justo que eu pague a faculdade, então eu quero estudar na Federal ou uma estadual, não importava, aí no cursinho uma amiga começou me falar “Não, mas tem a UNILA, não sei o que, não sei o que lá, vamo lá, vamo vê, vamo conhece”.*

Tinha um professor meu do cursinho que era de Foz e ele falava muito da UNILA e eu meio que fui assim junto com ela, ouvi o letras- português- espanhol e LANC, só que entre o bacharel e a licenciatura, eu preferi a licenciatura, achei que ia ser mais seguro assim, então eu cai meio que de paraquedas, não foi nem interesse, foi paraquedas total.

Eliane: Então antes da graduação você não tinha estudado nada de espanhol, você não tinha noção nenhuma?

EI: *Zero, zero.*

Eliane: Você acabou de falar que se sente confortável em falar espanhol. Em que contexto?

EI: *Qualquer um, não é mais uma questão para mim, inclusive eu acho que eu cheguei a esse ponto que a gente fala muito do afeto com a língua, eu sinto falta em conversar.*

Eliane: Sério? Que ótimo.

EI: *Sim, eu sinto falta em falar o idioma, então por exemplo essa semana eu fui pegar ônibus aqui para ir para a casa da minha mãe, eu ouvi uma mulher falando eu percebi o sotaque dela, aí eu já perguntei em espanhol “Dá onde você é? Que eu tô vendo que você não é daqui não.” Ela era paraguaia.*

Eliane: Que legal, que bom que você aproveita as oportunidades assim, para você realmente falar espanhol.

EI: Se eu tenho meia chance assim, eu vou me mostrar mesmo (risos) e conversa, talvez no contexto que eu fique um pouco mais insegura, seja o acadêmico mesmo, porque acabou que meu espanhol se desenvolveu muito no contato com as pessoas lá no intercâmbio, então eu falo para as pessoas que meu espanhol é meio Caio Herrerias, ele não é tão formal, eu sinto que meu espanhol é bastante informal na verdade, aí na hora de escrever um trabalho acadêmico aí eu me sinto mais travada, para falar zero problemas.

Eliane: Isso acontece ao contrário comigo, eu me sinto muito mais confortável em escrever em espanhol do que em falar, escrever flui muito mais do que eu ter que falar. Mas assim, você disse que tinha amigos que eram, que são hispano falantes e que você conversa, prática com eles, como é sua experiência em relação a isso?

EI: É maravilhoso, porque são vários espanhóis, são muito diferentes eu tenho bastante contato com pessoas da Colômbia que foi onde eu fiz meu intercâmbio e porque tem bastante estudante da Colômbia na UNILA também, eu acho que os que eu tenho mais contato são os colombianos, venezuelanos e os equatorianos, então eu consigo ver algumas diferenças, é legal.

Eliane: E eles estão na UNILA com você?

EI: Sim, alguns eu conheci na UNILA, não todos. No intercâmbio eu conheci muita gente de fora.

Eliane: Deixa eu te fazer outra pergunta. Você como futura professora de espanhol acredita que um nativo possa ensinar melhor espanhol que um não nativo?

EI: Não necessariamente.

Eliane: Porque?

EI: Porque, hummm vamo vê, eu por exemplo, tenho amigos nativos onde eu localizo os equívocos de gramática, por exemplo, então assim eu acho que o nativo vai te ajudar com a conversação sempre, eu acho muito importante essa questão da conversação, só que como estudante de letras eu percebo a importância de compreender a estrutura da língua, aí tem coisas que na hora de você entrar na sala de aula e explicar tem que ser mais estruturado, não dá para dizer assim a minha experiência pessoal de nativo, não né?

Eliane: Não dá para dizer vou só ensinar falar ou vou só ensinar gramática.

EI: Isso, isso. É legal você ter o contato com o nativo, mas não necessariamente ele vai conseguir transmitir os conhecimentos da melhor forma possível. Porque a gente não estuda só a estrutura, tem a questão pedagógica, metodológica, que a gente monta toda aula pensando em uma coisa que eu acho que isso faz toda a diferença, conversando a gente, é aquela coisa de aprender e adquirir, a diferença nessas coisas, eu acho, eu sinto eu percebo essa diferença sim.

Eliane: A formação inicial, a faculdade te ajuda a desenvolver a oralidade, ela te dá suporte, te oferece ferramentas para que você possa praticar a oralidade?

EI: *Pelo menos na minha experiência foi um pouco travado eu acho, mas aí eu não sei se era uma coisa do método eu se era minha mesmo, porque eu não tinha o contato eu era realmente zero mesmo em espanhol, eu acho que o que eu fui aprendendo de espanhol na UNILA me deu uma base muito boa, mas nesse sentido o contato com a conversação foi fundamental e eu percebo que outros colegas que não tiveram essa oportunidade da vivência que eu tive, eu sinto que eles não tiveram o mesmo desenvolvimento, por exemplo.*

Eliane: Só uma pergunta, Quantas disciplinas você tem que é em espanhol mesmo na graduação, que você pode escrever em espanhol?

EI: *Bom, em espanhol eu posso escrever em qualquer uma, eu posso entregar o trabalho em espanhol em qualquer uma, só que a maioria esmagadora dos meus professores são brasileiros, isso é complicado porque eu acabei tendo contato com o espanhol, mais no espanhol mesmo, nas aulas por exemplo de linguística eu acho que foram todos os professores brasileiros, alguma de literatura algumas foram hispanos, então o contato maior foi nas aulas de espanhol mesmo, aí uma ou outra pingada, algumas optativas coisas assim.*

Eliane: Você já fez estágio né? Você tá quase no final da graduação, como foi sua experiência com a oralidade na sala de aula durante as práticas de estágio?

EI: *Foi interessante por que no meu caso, porque eu fiz estágio com um estudante intercambista do Equador, então eu tinha acabado de voltar do meu intercâmbio que meu espanhol tava bem forte, então coitado a hora que o professor equatoriano falava, os alunos não entendia nada (risos) tadinhos dos dois lados, coitados, uma comunicação meio falha, mas você diz na oralidade em qual sentido?*

Eliane: Durante o estágio não sei você, mas eu os professores de estágio diziam que você deveria falar espanhol durante toda prática com os estudantes, então eu quero saber se você conseguiu desenvolver isso durante o estágio, se você conseguiu conversar, interagir com os alunos em espanhol ou se eles tiveram resistência nessa questão, como você disse que seu colega os estudantes não entendiam nada, ou se você se sentia insegura?

EI: *Nesse sentido eu me sentia muito bem para falar, até porque tava uma coisa muito forte no meu cotidiano, porque tinha acabado de voltar, porque tava junto comigo um estudante que era de fora, só que os próprios estudantes acabavam demandando que eu voltasse muito para o português, então acontecia esse movimento, eles não compreendiam algo que o Alejandro falava, aí eles já vinham pra mim, então tava sempre com essa demanda transitando entre o português e o espanhol eu não conseguia, gostaria, mas eu lembro que eles eram pequeninhos, o contato com a língua não era tão intenso, então eu tinha que ficar transitando entre os dois, sempre que possível eu puxava para o espanhol, tentava fazer eles falar espanhol, mas eles eram um pouco resistentes acho que eles tinham vergonha principalmente.*

Eliane: Mas os professores do estágio pediam para que você conversasse a maior parte do tempo em espanhol ou não?

EI: *Nunca houve nenhuma imposição, eu tive bastante autonomia na verdade no estágio, partia de mim mesmo ficar puxando para o espanhol, mas não porque eles demandavam como uma obrigação, era na que eu acreditava ser melhor para eles, para eles acostumarem o ouvido,*

mas os professores tanto como a professora que estava orientando que por sinal era a Livia, como a professora que sedia as aulas do CMEI a professora helena muito espaço, então eles não ficavam assim direcionando muito o que eu tinha que fazer, talvez elas me cobravam mais as questões do planejamento de aula de como montar isso, mas na questão da oralidade eu tinha autonomia, eu mesma tentava puxar mais para o espanhol .

Eliane: Você disse que fez intercâmbio. Como foi sua experiência durante o intercâmbio?

EI: *Loca (risos) eu não entendia nada, menina eu fui por terra, então eu passei pelo Paraguai, pela Bolívia, pelo Peru, pelo Equador e cheguei lá na Colômbia, então eu fui ouvindo vários tipos de espanhóis. E eu toda assim, morei com uma menina do Equador, o pessoal da Venezuela, conheço, falo bastante espanhol. Que que é isso, pisei o pé fora não entendi foi é nada do que tava acontecendo, e cada país que um passava era um espanhol diferente, as primeiras semanas assim na Colômbia eu só ficava assim para as pessoas(mexendo a cabeça) não entendia nada, levou uns meses, eu sentia também a diferença do espanhol que era abordado dentro da universidade e do espanhol que era fora , eu gosto bastante desse circuito de rock, essas coisas, punk, metal eu tava morando na casa de um pessoal que tinha banda, eu ia muito para os shows, tinha uma quantidade muito grande de imigrantes venezuelanos, então era assim bem discrepante às vezes o espanhol que os espanhóis que eu tinha contato. Conforme foi passando o tempo, foi meio que natural né eu ia adaptando o ouvido a fala, mas foi bem loco no começo era uma total não compreensão de nada, parecia que eu nunca tinha estudado aquele idioma, eu imagina (risos).*

Eliane: Você ficou quanto tempo na Colômbia?

EI: *Um semestre.*

Eliane: Ah... tá jóia. Você acredita que todo aprendiz de segunda língua deveria fazer intercâmbio?

EI: *Deveria, deveria. Porque o que esse intercâmbio provou pra mim, o que me atraiu não foi nem a questão de estar estudando, da universidade, foi o contato com a cultura mesmo, porque as coisas começam automaticamente ir fazendo sentido dentro do que está sendo dito, sabe tem algumas expressões que você vai percebendo o jeito de viver, por exemplo lá era muito gíria quando alguma coisa era muito legal falavam “que áspero, que severo” , antes eu ficava porque áspero, porque severo, severo é uma coisa pesada e algumas coisas eram parecidas em Bogotá era muito comum o “ParEce” e aqui em São Paulo é muito comum falar “Parça” e os dois tem o mesmo sentido, parça de parceiro. Você vai conseguindo entender, as coisas vão fazendo sentido. Eu acho fundamental porque a experiência se torna muito intuitiva, isso que foi o mais bacana de sair, se todas as pessoas tivessem a oportunidade eu acho que seria o ideal, faz muita diferença.*

Eliane: Quais foram suas maiores dificuldades linguísticas durante o intercâmbio quando você chegou lá assim?

EI: *O portunhol, não tem como. A gente cai no portunhol não tem o que ser feito, você acha que vai chegar lá e vai falar só espanhol nada. Eu acabei recorrendo muito para o português e também para o inglês às vezes, porque acabava sendo um idioma de ponte e a escuta, nossa senhora, a velocidade que eles falam é um absurdo.*

Eliane: Até você acostumar o ouvido né.

E1: *É o que eu falei parece que falando outra língua, você nunca estudou aquilo ali não, o falar não era tão difícil para mim, mas compreender o contexto, compreender o que eles estavam falando, direto eu tinha que pedir para falar mais devagar, se eu tava conversando com uma ou duas pessoas era relativamente tranquilo, se era um grupo de três, quatro ou mais pessoas já era, porque eles pegam um embalo vão falando, não entendia nada, aí eu voltava a ficar assim (balançando a cabeça em sinal de afirmação) às vezes as pessoas achavam que eu era introspectiva, é nada. Não tô conseguindo entender o que vocês estão falando.*

Eliane: Então depois do intercâmbio você sente-se mais segura em falar espanhol?

E1: *Sinto, sinto sim. Porque eu tenho a impressão essa coisa da aquisição mesmo, percebo que até agora eu tenho minhas inseguranças para lidar na sala de aula com a gramática mesmo em espanhol, eu sinto que meu conhecimento não seja tão profundo. (Nesse momento perdemos a conexão.*

ENTREVISTA ESTUDANTE 2

Eliane: Você sente insegurança em falar espanhol?

E2: *Então eu acho que eu tenho mais insegurança se eu tenho que falar eu vou usar o exemplo da UNILA, se eu tenho que falar com algum brasileiro, meus amigos brasileiros, se eu estou diante de um hispano hablante seja em qualquer situação eu não tenho essa trava, eu não fico insegura eu falo dentro das minhas limitações eu gosto eu fico até procuro o pessoal que fala para eu treinar, para eu falar. Agora se eu tiver que apresentar algum trabalho ou alguém chegar e falar assim algum brasileiro “Você fala espanhol? ah, fala espanhol aí pra mim” Aí eu travo, fico tímida e tal, mas se for com hispanos aí eu me arrisco, não tem muito esse problema.*

Eliane: Antes de começar a graduação você já tinha estudado espanhol?

E2: *Sim, eu fiz um curso de dois anos no curso CNA lá no Rio, porque eu tinha muita vontade de aprender um outro idioma, aí eu tive a oportunidade de fazer o espanhol, fiz dois anos.*

Eliane: Porque você optou por fazer letras português espanhol?

E2: *Ah, porque eu fiz esse curso na Rio, aí eu me apaixonei, tanto pelo idioma como pela cultura, por aí e tudo mais e uma professora que é professora da UNILA hoje foi minha professora lá no Rio de cursinho pré vestibular que eu fiz, aí eu vi sobre a universidade em um post que ela fez no Facebook aí eu falei vou tentar vou arriscar porque eu tinha me apaixonado pela língua, não tinha muita noção do era, na verdade só fui entender o curso depois que cheguei na UNILA, mas me surpreendi positivamente, tô bem feliz assim.*

Eliane: Você já teve oportunidade de falar espanhol fora da Universidade e se você teve qual foi sua experiência em relação a isso?

E2: *Sim, quando eu tava ainda fazendo curso ainda lá no Rio, eu trabalhava em shopping né, então às vezes chegava algum cliente que eu via que falava espanhol eu falava que tava*

estudando que queria falar um pouco, ou se eu fosse na praia, na praia sempre tem turista eu já ia falar e já puxava assunto e dessa forma, Aí depois que terminei o curso eu fiz um mochilão né e aí durante a viagem eu fui me virando né com espanhol, claro que a maioria entendia espanhol ou português por seu um lugar comum ter brasileiro, mas eu tentava tudo ao máximo resolver em espanhol.

Eliane: E para que lugar você foi ou para vários lugares?

E2: *Sim, eu fiz o mochilão e fui para Bolívia, Chile, Peru, Colômbia e Uruguai.*

Eliane: E foi assim, você foi dando sequência ou você ia e voltava?

E2: *A primeira viagem foi Bolívia, Chile e Peru, voltei para o Rio de novo, fiquei alguns dias e fui para Uruguai, foi mais ou menos assim entre agosto e outubro de 2017.*

Eliane: E nessa viagem que você fez nesses três países seguidos né, como foi sua experiência, se você sentiu diferença na pronúncia do espanhol, se você sabia que poderia encontrar essa diferença?

E2: *Sim, eu já sabia. É até engraçado, quando eu estava na Colômbia, tinha uma menina brasileira também viajando sozinha e o menino que trabalhava no posto lá na Colômbia disse que as duas falavam espanhol bem, mas eu falava espanhol brasileiro. E como eu assisti a série eu fui notando que tinha diferença principalmente no espanhol Argentino, pois no espanhol mexicano, eu já tinha séries preferidas eu consigo e quando eu conheço alguém eu fico tentando descobrir da onde é o sotaque.*

Eliane: Que legal! Você consegue perceber essas diferenças então?

E2: *Consigo, só um amigo meu que é do Equador que eu conheci a pouco tempo que também é de LEPLÉ, que eu não consegui, não sei acho que eu nunca tinha ouvido ninguém de lá falar, aí eu fiquei esse eu não conheço, aí ele falou que era do Equador, mas assim a maioria eu consigo acertar as vezes.*

Eliane: Você tem a oportunidade de falar na universidade a língua que você está aprendendo e como é sua interação com os hispano falantes?

E2: *Tenho, eu tento sempre quando eu tô me comunicando com eles, sempre não, mas a maioria das vezes eu tento falar com eles em espanhol, pra ficar treinando mesmo, tipo assim eu tento, com meus colegas de classe e nos corredores da universidade ou com os professores que falam espanhol eu tento também.*

Eliane: Entre seus colegas que são brasileiros vocês praticam ou não vocês falam em português mesmo?

E2: *Olha, a maioria é em português, mas a gente se provoca, assim vamos tentar falar só em espanhol entre a gente pra prática, mas nunca foi muito longe não, às vezes durava uma aula assim, nessa aula a gente vai falar tudo em espanhol entre a gente, mas acabava ficando assim, mas a gente tentava.*

Eliane: Você como futura professora de espanhol, você acredita que eu nativo possa ensinar melhor que um não nativo?

E2: *Olha, depende. Porque eu não sei se posso usar o exemplo de outra língua, uma vez eu fiz um curso na UNILA de extensão e outra língua, não vou falar de qual língua não é espanhol, e a pessoa era nativa, mas ela não tinha didática para ensinar, então assim, eu sentia que não fluiu, o curso para mim não rendeu muito porque apesar dela ser nativa da língua, ela não sabia explicar, não sei, não sabia fazer a dinâmica da aula, não tinha muita experiência e do contrário também já tive aula, quando tive aula de espanhol lá no Rio, no curso meu professor então ela era brasileiro e assim, eu aprendi muito com ele, foi muito significativo para mim, foi ele fez eu também gostar de começar aprender o espanhol, e buscar e dava muita aula com música, isso me chamava atenção, então eu não acredito que isso defina ser um bom ou não professor.*

Eliane: A graduação ela te ajuda a desenvolver a oralidade, ela te dá suporte e te oferece ferramentas para que você futura professora possa praticar a oralidade, dentro da sala de aula?

E2: *Sim, eu acho que sim. Principalmente na UNILA e meus professores, a maioria das vezes tem essa oportunidade ou é incentivado ou alguma atividade propõe te deixa livre se você quer falar em espanhol, eu acho que sim.*

Eliane: Você tem quantas disciplinas que são em espanhol mesmo, eu sei que dentro da graduação temos várias disciplinas em português, quantas disciplinas você tem que é especificamente em espanhol?

E2: *Mas você diz por ser ensino de espanhol ou porque o professor fala em espanhol?*

Eliane: *Não, por ser a graduação em espanhol, não o professor, a disciplina mesmo que ela é toda em espanhol?*

E2: *Toda em espanhol. eu não sei toda, porque por ser turma ah, tem a de língua que a gente fala espanhol básico um, tem o intermediário, outro intermediário, eu não sei qual assim, mas nenhuma foi 100% em espanhol, o último antes do avançado, eu não lembro o nome é uma outra coisa, o professor fala com a gente a maior parte do tempo em espanhol, porém algumas coisas dinâmicas acabava indo para o português, porque os próprios alunos cobravam isso dele, eu sentia que ele preferia levar tudo no espanhol, mas a galera reclamava muito, então 100% em espanhol não.*

Eliane: É mais uma resistência dos acadêmicos então né de não falar espanhol.

E2: *Sim, reclamavam mas ele fala só espanhol, e eles ficavam é muito difícil não tô entendendo, tinha uma parcela assim que reclamava.*

Eliane: Você tá em que ano da graduação agora?

E2: *Já não sei mais nada (risos) com a pandemia. Olha comecei em 2018, era para ser o quarto ano.*

Eliane: Então você teve vários espanhol, o básico que você falou, o intermediário, tá. Nesses espanhol que você teve é sempre o mesmo professor ou não ele muda?

E2: *Muda. Em cada um eu tive um diferente.*

Eliane: Tá, e aí esses professores que você teve, que são diferentes, eles conduziam a aula em espanhol, falavam espanhol, vocês interagiam em espanhol ou não?

E2: *Sim, cada um do seu jeito, mas todos eles tentavam levar a maior parte no espanhol, principalmente o último que saiu do básico, saiu o que todos fazem na UNILA que não é do ciclo comum, entrou no espanhol mesmo do curso de LEPLE, ele tentava falar a maior parte do tempo em espanhol.*

Eliane: Você já fez prática de estágio?

E2: *Vou começar agora.*

Eliane: Mas você se sente segura, se você for pensar que você vai para a sala de aula, para ministrar aula de espanhol. Você se sente segura em falar espanhol com os alunos?

E2: *Mais ou menos, mas não só pela questão da fala em espanhol, mas por todo o contexto de você dar aula, eu acho que eu fico insegura se fosse em português também, então eu acho que 100% segura não.*

Eliane: Se você for pensar assim entre a oralidade e a escrita em espanhol, o que você se sente mais segura?

E2: *Que difícil. Pensando no contexto da aula, porque assim, para me virar, para me comunicar eu me sinto segura, mas para dar aula, conversar com os amigos, tiver que viajar, falar com professor eu me sinto segura para isso, agora para dar aula em espanhol, digamos uns 60% de segurança só.*

Eliane: Talvez na questão da gramática você se sente mais insegura ou porque as pessoas estão te observando?

E2: *sim, por ser uma primeira experiência assim, acho que a tinha insegurança é tanto pra gramática a parte escrita, tanto para oralidade uns 60% segura tanto para um quanto para outro, eu não me sinto mais em um e menos em outro, pra mim é igual assim.*

Eliane: Você disse que você viajou para vários países. E como foi sua experiência em relação a isso em conhecer vários países?

E2: *Nossa, foi muito especial assim. Eu vim para na UNILA por conta disso, ressignificou muitas coisas na minha vida e não sei assim eu me apaixonei pela cultura, pelas possibilidades pelas portas que se abriram por isso para mim, o quanto ainda pode me levar a mais lugares ainda, então foi a experiência mais legal da minha vida.*

Eliane: Você tinha feito dois anos de espanhol antes de viajar, você com esses dois anos de espanhol, quando você viajou você teve dificuldades na fala?

E2: *Então, na verdade eu achava que eu não sabia espanhol antes de viajar, porque na época eu trabalhava quando eu fazia curso a gerente da onde eu trabalhava já tinha morado em Portugal, aí ela ficava implicando comigo, falando que para que que eu estava fazendo espanhol, porque não precisa é igual português, que todo mundo entende, tanto faz, ela ficava repetindo isso várias vezes e eu acho que isso acabou entrando na minha cabeça e eu achava que realmente eu não sabia espanhol. Até os primeiros dias de viagem eu achava que tava falandoportunhol ou o pessoal tava entendendo porque tava acostumado com brasileiro, só que aí teve uma situação, duas na verdade. A primeira situação foi eu viajei sozinha né e conheci um grupo de brasileiros e a gente acabou se juntando e aí a gente comprou uma passagem de ônibus que o banco virava cama e o banco de uma das meninas não funcionou e ela ficou muito brava porque a gente pagou um pouco a mais por isso, api ela foi lá brigar com o cara porque ela queria que arrumassem o banco dela e ela voltou muito brava porque o cara não tava entendendo o que ela tava falando, aí ela me acordou porque elas sabiam que eu falava um pouco mais, me acordou para ir lá e eu consegui fazer eles se entenderem, foi aí que eu vi que eu falo espanhol sim, porque ela é brasileira e não conseguiu e eu consegui solucionar uma situação problema, porque era assim quando era tudo muito simples todo mundo conseguia falar e eu fui nessa que eu só tava reproduzindo todo mundo essa foi uma, a outra foi que a gente queria negociar um passeio e queria pedir desconto e a galera falava, falava e não funcionava, aí eu pensei deixa eu tentar e aí eu fui lá e consegui o desconto, humm acho que serviu um pouquinho estudar espanhol e aí foi essas duas experiências, acho que eu falo bem, que eles estão entendendo. Ainda quando eu vejo uma serie eu já vejo sem a legenda já tem m tempo, mas eu ainda fico assim eu to entendendo por causa do contexto, não é porque eu sei, eu ainda fico me sabotando nisso, eu to ssistindo e to entendendo tudo deve ser o contexto não é possível que eu sei espanhol mesmo.*

Eliane: Você acredita que todo aprendiz deveria fazer intercâmbio eu fazer essas viagens assim como você fez?

E2: *Se tivesse oportunidade sim, é muito especial, não só porque vai aprender, mas é uma experiência de vida muito especial mesmo, acho que sim, mas nem sempre dá né.*

Eliane: Essas viagens te ajudaram, mudaram sua forma de ver os tipos de espanhol?

E2: *Sim, mas não sei se é só por isso, eu já falei eu ficava assistindo eu buscava eu acho que depende da pessoa também se ela quer, eu queria, era sonho de vida, não tinha uma obrigação de aprender por trabalho eu fui porque eu era apaixonada então eu ia buscando essas coisas, mesmo se eu não tivesse viajado eu ia caçar algum jeito de buscar essas experiências de alguma forma, mas porque eu já tinha essa paixão por aprender outra língua.*

Prof. Livia: Queria muito aproveitar isso que você já veio pro curso aprendendo espanhol, você já sabia espanhol eu te dei aula no inter dois, isso tava muito claro, assim eu queria saber você que já tinha uma noção muito clara de espanhol, como foi esse teu percurso no curso, você acha que a forma como o espanhol acontece não só para você, mas também o que você enxerga no seu colegas, ele te oportunidades na oralidade ou tem um peso maior na escrita?

E2: *Especificamente do espanhol que eu tive na UNILA né, porque foi diferente, no curso eram coisas prontas, era engessado, gramática, mais assim né, tinha uma tendência maior pela escrita até porque a gente tinha que fazer uma prova do DELI no final, então tinha mais essa pressão. O que eu vi na UNILA assim principalmente na aula da professora Livia é que ela trouxe a parte mesmo cultural e a gente tinha, era uma forma diferente do que eu aprendi no*

curso, isso eu consegui vê claramente, tanto que ah... eu vou fazer isso de novo, já fiz o básico, não. Foi bem diferente a didática, de todos os professores que tive na UNILA, do que eu tinha lá no curso e sim. Sempre tinha que não era só escrita, por exemplo não era só uma atividade escrita que valia, tinha a parte oral sempre nas aulas a gente podia falar ou incentivava a gente a falar, tentar pelo menos, eu acho que é isso.

Prof. Lívia: Ou seja, a galera que entrou no curso com vocês consegue chegar ao nível bom de oralidade com as coisas que o curso oferece?

E2: Se quiser sim, porque tem uma galera que tem resistência, eu tenho uma teoria que as pessoas que já sabem outra língua, isso eu vejo na minha sala, por exemplo que já falam inglês eles tem uma resistência com espanhol, eu não sei porque eu comecei observar quando a pessoa reclama muito, mas eu não consigo falar espanhol, mas eu não quero eu não consigo, as duas pessoas que mais falavam isso na minha turma, as duas falavam inglês, eu falei é porque vocês já falam inglês aí vocês não sei o que vocês colocaram na cabeça que vocês não querem falar espanhol, as outras pessoas assim que eu observei que não falavam nenhum outro idioma eles tentavam, por mais que tinham muito mais dificuldade que eu, meio que travava porque falava assim, mas tentavam, para quem fala inglês ou já fala outra língua tinha uma resistência maior, principalmente nessa parte da oralidade, aí eles gostavam de gramática, essas pessoas que já falavam outra língua, não gostavam de falar, mas nas atividades escritas era top, aí quando o professor não dava gramática ou não era o foco central eles pediam ah, mas a gente quer mais gramática, eu não falo porque eu não tenho a gramática, então isso foi o que eu observei na minha turma especificamente.

ENTREVISTA ESTUDANTE 3

Eliane: Eu concluí a graduação em 2018, não foi na UNILA, foi em outra universidade, mas me surgiram inquietações em relação a oralidade, em relação a minha dificuldade em oralidade em espanhol. Por isso que eu decidi pesquisar sobre isso, então a primeira pergunta que eu quero te fazer. Por que você optou em fazer letras português-espanhol?

E3: Então na minha opção por letras foi o curso que eu me identifiquei mais, porque eu gosto muito de ler, só que eu não queria fazer espanhol, inclusive porque eu tenho muita dificuldade no espanhol até agora, eu to com muita dificuldade mesmo para falar o espanhol para entender também. Para ler e escrever até que vai né, para mim falar e entender eu tenho muita dificuldade, se fosse para fazer só letras seria maravilhosamente, mas como o espanhol entra junto, então a opção foi pegar junto e agora o período que eu to fazendo ta muito complicado o espanhol, mas o opção de pegar letras é que eu gosto muito de ler, eu gosto de literatura infantil, então por isso eu escolhi letras.

Eliane: Então você não tinha feito curso de espanhol antes de iniciar a graduação?

E3: Eu fiz, na verdade eu fiz um curso de espanhol que eu acho que eu tinha 12 anos, eu fiz na escola estadual lá do centro, foi um cursinho assim que tava optando as escolas então eu fiz, mas eu nem lembro mais, então o que me tirou minha dificuldade de ler, nunca esqueci as regrinhas de ler a pronúncia do J do G entende, a pronúncia do R, então são regrinhas que eu nunca esqueci, eu gosto de ler em espanhol, a minha dificuldade é entender o significado das palavras e falar e às vezes dependendo a nacionalidade da pessoa que fala espanhol eu também tenho muita dificuldade para entender, porque cada nacionalidade fala de um jeito,

são regiões diferentes então cada um tem uma maneira diferente de falar espanhol, aí eu sinto muita dificuldade.

Eliane: Você está no segundo ano da graduação, né?

E3: *Sim, porque ano passado foi suspenso né. Eu iniciei em 2019 então eu estou no terceiro período agora, porque como foi suspenso o ano passado então, mas a graduação eu comecei em 2019.*

Eliane: Você acredita que essa dificuldade de desenvolver o espanhol que você comentou agora é pela forma como ela é trabalhada em sala de aula, na forma como é proposto a oralidade?

E3: *Então deixa eu te explicar. Nas primeiras aulas de espanhol dos anos anteriores que eu tive a gente, nossos professores não colocavam a gente dentro da leitura do espanhol, dentro de uma conversação de espanhol, inclusive a gente começou a fazer Tandem, só que aí ele foi encerrado, a gente não pode mais fazer, porque nosso Tandem era o mesmo horário da nossa aula de espanhol, então nosso professor passava artigo, ele queria que a gente fizesse as coisas que não estavam no nosso alcance, então a gente não tinha aquela conversação, a gente não tinha aquele entendimento, agora nesse período que a gente tá fazendo espanhol, a gente tá estudando muita gramática a gente até falou para o professor que a gente precisa ler mais, a gente até falou com ele para passar filminho em espanhol para a gente assistir, para a gente comentar sabe, então agora a gente tá tendo gramática, então tá sendo muito muito cabuloso na cabeça da gente(não compreendi) eu estou falando por mim, Estou tendo muita dificuldade, eu queria mais era falar e entender espanhol, até trabalhar mais com significado das palavras né pra gente ter aquele melhor relacionamento.*

Eliane: O que você observa em você e nos colegas, a forma como é oportunizada a oralidade pra você acha que tem um peso maior na escrita do que na oralidade?

E3: *Eu acho. Porque quando você consegue falar até sua escrita melhora, você desenvolve mais a escrita, porque eu não consigo escrever o espanhol sozinha, como eu não consigo falar espanhol sem tá lendo, da minha cabeça, as vezes eu fico pensando “meu Deus como eu vou pronunciar essa palavra” como será que eu vou escrever, será que tá certa? as vezes eu tenho que recorrer ao Google tradutor, porque a gente não tem esse vínculo de leitura, de conversação você entende? Igual como agora, nós estamos estudando gramática, então o professor fala sobre a gramática aí vai lá e coloca um monte de atividade para fazer sobre gramática, aí fica essa dificuldade para interagir na oralidade, então a oralidade tem um peso maior.*

Eliane: Na sala de aula, você observa que tem o incentivo para falar espanhol entre vocês, o professor incentiva que vocês interajam em espanhol nas aulas de espanhol eu digo?

E3: *Sim nas aulas de espanhol, nas outras não, agora depois da gente cobrar bastante ele tá incentivando, até agora ele passou uma atividade para a gente fazer em áudio, gravar um áudio falando, explicando a atividade, eu até gostei. Eu falei para o professor, eu acho isso importante, porque eu gravando o áudio ele vai ver a minha dificuldade e ele vai (não compreendi) a minha dificuldade, legal essa ideia que ele propôs, gravar áudio falando, explicando né eu achei legal, mas é muita dificuldade, eu até queria desistir do espanhol esses dias.*

Eliane: Não desisti não, depois você vai ver que vai melhorando. Deixa eu te falar. Você já fez essa atividade de gravar o áudio ou ainda não fez?

E3: *Não, eu não fiz ainda. Porque a gente ainda tá fazendo uma atividade de gramática e ele só tá aumentando as datas da entrega, porque o pessoal tá com muita dificuldade sabe? transitivo, intransitivo e aquela coisa toda e muda do português para o espanhol, é muito complicado e é muitas palavras e tem gente com mais dificuldade que eu e aí ele só tá mudando as datas, então (inaudível) nessa dificuldade, não tá fácil não.*

Eliane: Não é fácil mesmo.

E3: *Mas eu quero ver se no máximo até sábado eu gravo, meu áudio tudo certinho a atividade, porque quanto mais demora mais ansioso a gente fica, parece que tem mais dificuldade para fazer. O espanhol não é difícil o que me tornou difícil na universidade foi a diversidade de línguas é a diversidade de nacionalidades, eu tenho um amigo colombiano que fala espanhol de um jeito, aí eu tenho amigos chilenos que fala espanhol de outro jeito e tem os amigos paraguaios que mistura o guarani no meio, é muito difícil, aí o professor de espanhol que tá dando aula para mim é da Espanha aí a língua dele vem aqui e tem palavras que eu não consigo pegar, as vezes eu tenho vergonha de falar porque ele vão pensar essa mulher é muito burra, mas eu tenho muita dificuldade.*

Eliane: Você disse desses seus amigos, que você tem vários amigos na graduação, você fala em espanhol com eles, você tenta falar em espanhol com eles, com esse da Colômbia, da Bolívia, do Paraguai?

E3: *Sim, eu sempre falo para eles que eu quero falar espanhol, só que tem vezes que eu não entendo, aí eu falo pode parar, fala português mesmo que eu não tô entendendo mais nada, mas de vez em quando eu to tirando dúvida sabe, até inclusive tem um amigo meu que a gente ia marcar uma conversa, só que aí eu tive um imprevisto, na verdade era ontem, mas devido a esse imprevisto a gente não conversou, então uma vez por semana a gente conversar on-line pra gente tirar dúvida ele em português e eu em espanhol.*

Eliane: Nossa, uma ótima ideia até para você praticar sabe, é ótimo.

Que atividades que você lembra que já realizou que te ajudou na questão da oralidade, que foi legal que te ajudou?

E3: *O professor passou um texto sobre “Las abuelas de la plaza de mayo” aí a gente teve que fazer uma carta como se a gente fosse vítima né, então eu acho que isso foi legal, depois a gente pode conversar, por mais que tenha sido um portunhol, ajudou bastante, já deu para dar uma respirada, se eu focar nisso ou naquilo eu vou conseguir, aquele medo que a gente tem vai sobressaindo, (inaudível) eu acho legal essa produção de oralidade.*

Eliane: Que bacana. Os seus colegas que entraram na faculdade com você, você também. Você acha com a faculdade consegue alcançar um nível bom de oralidade?

E3: *Eu acho que sim, consegue sim.*

Eliane: Você observa resistência nos seus colegas e em você em relação a oralidade, seus colegas brasileiros em falar espanhol?

E3: *Sim, eu acho. Eu acho que tem resistência sim.*

Eliane: E porque você acha que ocorre essa resistência?

E3: *Eu sei lá. Eu acho que cada um se comporta de um jeito na hora de falar, mas eu acho que tem resistência sim na hora de falar espanhol, mas eu não sei explicar porque. Porque cada um tem um jeito.*

Eliane: Você acha que talvez seja a falta de prática ou insegurança?

E3: *É, pode ser. Eu tenho um colega que ela tem muita mais dificuldade que eu, as vezes é falta de tempo de praticar, porque por exemplo eu trabalho o dia inteiro, hoje eu tô de folga porque eu tive consulta de manhã, eu só tenho final de semana para fazer as atividades sabe, então às vezes é isso por falta de tempo, porque não consegue focar naquilo, eu acho que é isso. Falta de interesse não, eu acho que é isso mesmo, falta de tempo, é muita coisa.*

Prof. Lívia: Eu queria aproveitar e te perguntar ao contrário, seus colegas hispanos assim, eles conseguem falar mais?

E3: *Menina do céu, eu falo para eles que eles vem de outro planeta, porque eu nunca vi gente para aprender português igual esse povo, menina meus amigos falam português que nem parece que são colombiano que são não sei da onde é uma maravilha, eu falo que o português deve ser muito fácil de falar, porque eles não tem dificuldade em aprender, mas uma amiga disse “ é o seguinte a gente trabalha o dia inteiro, a gente tem filho, a gente tem casa, tem isso, tem aquilo, eles vem lá do país deles, chega aqui eles tem tempo para estudar, eles ficam o dia inteiro estudando.*

Eliane: E eles estão em contato direto também com a língua, todos aqui são brasileiros e eles conseguem interagir todo o tempo né, diferente da gente porque é difícil encontrar gente que fala espanhol.

E3: *Isso mesmo.*

Eliane: Eles estão em imersão mesmo né.

E3: *Eles têm muita facilidade em falar português.*

Eliane: Você já teve a oportunidade de falar espanhol fora da universidade e como foi sua experiência em relação a isso?

E3: *Não. Eu nunca tive, assim falar fora, até um professor disse gente vocês moram em fronteira, vocês poderiam estar alí no Paraguai o tempo todo falando, mas sabe eu nunca tive interesse, eu perdi o interesse assim sabe. é impossível ele falava vocês moram em um país de fronteira, a fronteira tá aí Paraguai e Argentina.*

Eliane: Você acha que a graduação te ajuda a desenvolver a oralidade, ela te dá suporte, te oferece ferramentas para que você consiga praticar a oralidade?

E3: *Olha... (pensando) Como assim ferramentas?*

Eliane: Se ela propõe atividades de oralidade se dentro da sala de aula ele incentiva a oralidade, faz atividades que você possa praticar a oralidade?

E3: *Eu até acho que sim, mas eu acho que o que travando agora e que a gente teve pouco tempo de estudo no espanhol e agora com essa pandemia muito difícil, porque não é igual quando você tá presencial, espanhol ficou ainda mais difícil, espanhol ficou ainda mais difícil com as aulas remotas, porque o professor até coloca as atividades, porque ele tava colocando muita gramática a gente começou reclamar um pouco, os próprios amigos espanhóis falam para a gente a gente não usa gramática assim, para que isso? Nem usa! Então a gente começou reclamar para o professor para dar outro tipo de atividade para que a gente possa interagir mais a oralidade, então agora sim ele tá começando colocar mais leitura, vídeos, textos para a gente e a conversação, então ele dá um pouco de aula e um pouco ele sobra pra gente interagir, falar.*

Eliane: E você tá conseguindo desenvolver melhor a oralidade apesar da pandemia, você tá conseguindo desenvolver melhor depois que ele propôs essas atividades?

E3: *Sim, tô conseguindo, com certeza e assim a faculdade dá o suporte os professores dão o suporte e a gente tem também a liberdade de falar, que é legal, trocar ideia com o professor, quem sabe optar por esse lado que é mais fácil para a gente, então eu acho que isso é legal essa troca sabe aluno-professor, é interessante.*

Agradecimentos.

ENTREVISTA COM ESTUDANTE 4

Eliane: Você sente dificuldade com a oralidade do espanhol?

E4: *Bastante, bastante. Falar, compreender o que você escuta é muito difícil, principalmente o espanhol, você troca, faz uma interpretação muito errada das coisas.*

Eliane: Você acha que é uma palavra e acaba sendo outra né?

E4: *Isso, eu sinto dificuldade.*

Eliane: Porque você optou por fazer letras português espanhol?

E4: *Então, eu gosto muito de português assim, quando eu estudava e eu fiquei muito anos sem estudar, 20 anos praticamente, sem ir para a escola, então eu recomecei. Eu fiz o ENEM, aí nas opções tinha área da saúde e da educação, eu queria letras e foi que eu fui convocada né, e é o que eu gostava no momento, tinha vontade de ir para a área da saúde medicina, mas falei não é o que veio agora, tô recomeçando, tenho magistério, trabalhava com educação infantil, aí fiquei muitos anos fora da escola, trabalhando por conta e resolvi voltar estudar, é um ato mais difícil ainda porque você não sabe o que tá acontecendo, não tem noção de como tá a educação né, então tá sendo um desafio muito grande, mas muito gratificante, cada dia assim eu vejo que eu posso, todo mundo tem essa dificuldade, sou capaz, é gratificante. Você voltar ao mundo da realidade faz você pensar, é muito gratificante, é muito bom mesmo.*

Eliane: Você acha que essa dificuldade que você tem na oralidade é por conta das atividades propostas durante a graduação, o que você acha que acontece que você sente tanta dificuldade?

E4: *Então, eu acho que um pouco o cérebro tá preguiçoso né, porque faz muito tempo que eu parei de estudar, aí os professores querem colocar uma coisa que você não tem nem noção, você tá voltando a aquilo, eu tive muito essa dificuldade de interpretação de texto, a gramática, como mudou a educação e até agora que eu tô tendo espanhol falei para o professor que estou tendo muita dificuldade de compreender o que que o professor quer que a gente faça, porque a tecnologia tá aí e a gente não sabe muito procurar, não tem toda essa informação que o jovem tem, aí as pessoas mais velhas elas tão começando agora, vem de uma geração que era pesquisado no livro e isso se torna bastante difícil né, porque você tem uma vida, você tem uma rotina, até você entrar nessa rotina você já terminou a faculdade (risos), você não pode parar, o que atrapalha bastante essa rotina de você ler, se dedicar a leitura e os professores colocam isso como se você fosse fazer tudo que eles querem, na realidade a gente tá engrenando, começando, então você não tem essa rotina né, porque eu tava fazendo um cursinho agora pra aprender pra entrar no ensino remoto você tem que ter rotina, a gente não tem rotina, então até você organizar o teu tempo, ter uma rotina a saber entrar nos meios de comunicação para você aprender, leva tempo, tem que ter esse apoio, eu vejo assim que os hispanohablantes, que vem de outros países, ele tem essa facilidade, parece que assim eles buscam mais a faculdade e as pessoas que moram aqui no Brasil tem mais dificuldade.*

Eliane: Mas é assim, o que eu falei para o outra moça na entrevista, esses hispanohablantes estão em contato direto com os brasileiros sabe, então eles vão ao supermercado, eles têm o tempo todo para praticar português, então para eles é muito mais fácil e nós não temos contato direto com pessoas que falam espanhol né, você tem o contato na faculdade, mas agora como você tá tendo o ensino remoto fica mais difícil né da prática da oralidade né. Você já tinha estudado espanhol antes ou não?

E4: *Olha, eu fiz alguns cursinhos de espanhol, tive alguns cursos de espanhol, convive com pessoas da Argentina, de outros países, mas a gramática em si que é o difícil, porque as vezes ler o texto em espanhol, você lê, mas agora você não sabe o que significa, porque a gente tem o conhecimento das palavras, mas o significado que é difícil da gramática.*

Eliane: Mas você acha que só com a gramática vai te ajudar a alcançar a oralidade?

E4: *A gramática te dá uma noção de contexto né, de melhor coesão do texto da leitura, a oralidade você falar você ler o texto você ouvir um áudio é mais fácil, mas você formar o texto, compreender o está sendo dito que é o mais difícil, porque eu vejo a aula de espanhol o professor fala fala em espanhol, tipo acaba a aula você não sabe o que o professor falou.*

Eliane: Observando você e seus colegas, a oportunidade em relação a oralidade, você acha que tem um peso maior na escrita do que na oralidade na graduação, você acha que se dá mais o peso para escrita?

E4: *Você pode reformular de novo?*

Eliane: No percurso da faculdade do jeito que você pratica o espanhol na graduação, você escreve mais do que você pratica a oralidade, você pratica mais a escrita do que a oralidade?

E4: *Sim, a gente escreve muito mais do que fala e eu acho que o falar é muito mais importante, porque quanto mais você fala mais você compreende, mais você consegue escrever, então a oralidade é muito importante, dá mais segurança, quando você fala quer dizer que você compreende o que você tá falando, o que você vai ouvir também, e escrever hoje em dia é mais fácil que tem os tradutores, então você vai lá e escreve.*

Eliane: Então as atividades são mais escritas do que oralizadas, do que você pratica oralidade?

E4: *Sim, (inaudível) se preocupa muito com a escrita, com a gramática, com os verbos e pouco com a fala.*

Eliane: Você sente que seus colegas e você tem uma resistência em falar espanhol, me refiro aos seus colegas brasileiros?

E4: *Bastante, eu vejo que na aula assim as pessoas que sabem falar um pouco eles tem vergonha, que não tem confiança, fala mas a gente fala com vergonha, fala com dificuldade, as pessoas tem vergonha de praticar, tem vergonha de falar, porque não tem aquela confiança, não sabe se estão falando corretamente, assim quando os hispanos vão falar o português, ele mistura parece assim que a gente entende, mas você falar o espanhol os hispanos não entendem o que você tá falando.*

Eliane: Você acha que somente com a faculdade consegue alcançar um bom nível de oralidade, com que ensina ali?

E4: *Você pode repetir por favor?*

Eliane: Posso sim. Você e seus colegas que entraram na faculdade juntos, conseguem alcançar um bom nível de oralidade somente com que aprende ali durante a graduação?

E4: *Não. Uma porque o tempo é pouco, se você for fazer só o que aprende nas aulas não te dá uma base para você dizer vou sair daqui dando aula de espanhol.*

Eliane: *Você acha que não é o suficiente?*

E4: *Não.*

Eliane: Você tem quantas aulas de espanhol na semana, de espanhol mesmo?

E4: *É um dia mesmo, acho que são quatro aulas.*

Eliane: As outras aulas são todas em português, só tem uma específica que é em espanhol?

E4: *Só, só tem uma específica, tem poéticas que tem dois professores que a gente teve essa oportunidade e um fala português e outro fala espanhol, mas isso não é sempre, isso foi um milagre aconteceu.*

Eliane: Mas os professores interagem em espanhol com vocês?

E4: *Então, o professores de poéticas ele fala só em espanhol, um fala só em português o outro fala só em espanhol, isso ajuda muito, quando o professor fala bem espanhol, quando ele é*

hispanohablante é gostoso ouvir. Tem o professor que tem que falar várias línguas e você não compreende muito, porque ele mistura todas as línguas junto, que fala inglês, português, que fala espanhol, ele mistura e não sai corretamente.

Eliane: Você consegue perceber essa diferença?

E4: *Eu consigo, algumas coisas sim.*

Eliane: Que atividade que foi desenvolvida em sala que você lembra que foi legal assim, essa atividade foi bacana para desenvolver a oralidade?

E4: *A leitura, eu tive com o professor Carlos, dois semestres eu acho que foi de espanhol e um ele percebeu que a gente tinha essa dificuldade então ele fazia a gente ler e a gente falar, então ajudou a desenvolver esse medo que a gente tinha de falar, fazer vídeo com você falando em espanhol, te força a ter que fazer as coisas e de treinar bastante, achei isso bem interessante.*

Eliane: É assim, vocês fazem a leitura do texto e depois vocês discutem sobre o texto em espanhol, é isso?

E4: *Sim, é isso.*

Eliane: Você aproveita as oportunidades que você tem de falar espanhol entre você e seus colegas?

E4: *Então, eu tenho poucos colegas hispanos e a gente não tem uma amizade, o que a gente faz é nas aulas. A gente tem dois semestres e somente as aulas de espanhol que eram juntas, então você não tem aquele conhecimento, é sempre muito corrido, mas quando eu tenho parente que são argentinos você acaba falando e ouvindo e aproveita.*

Eliane: Aí você consegue praticar?

E4: *Isso.*

Eliane: Você acha que a faculdade a graduação ela te oferece ferramentas para que você possa praticar, ela contribui para que você consiga praticar a oralidade?

E4: *Então teve agora, não to lembrada que a gente tinha que ra a aula que você se reunia com pessoas que a gente conversava, esse entrosamento na faculdade, então eu consegui participar de algumas aulas era muito bom, porque você trocava, tinha um momento que você falava em português e o momento que você só falava em espanhol com seu colega, isso ajuda, acho que quando você tem essa troca né de oralidade você e um hispanohablante é aprende muito.*

Eliane: Isso durante a graduação ou foi um curso que você procurou?

E4: *Sim, foi durante a graduação, então eu digo como essa aula que a gente tem de poéticas que a gente tá junto então você consegue aprender mais, porque as pessoas que falam espanhol e você fala português é o mesmo assunto, então você consegue aprender um pouco, quando é o mesmo assunto parece que você interage melhor.*

Prof. Livia: Essa atividade que você tá falando, é o TANDEM?

E4: *Isso, o TANDEM, eu tinha esquecido porque já faz um ano e meio que a gente não vai mais na faculdade.*

Eliane: Você acha que conseguindo desenvolver bem dessa forma remota a oralidade do espanhol? Qual a sua percepção assim que você tá tendo em relação a isso?

E4: *Olha, eu pensei que fosse ser mais difícil, mas eu assim que a gente tá tendo tanto empenho dos professores, tá aquela vontade de aprender de ensinar, todo mundo querendo da o seu melhor que tá sendo assim muito bom, eu acredito que esse último mês eu aprendi mais coisa do que eu aprendi em um semestre, te força a você buscar a você aprender e você não perde tanto tempo, você sai e fica uma hora e pouco dentro de um ônibus, para ir para a faculdade, então você tem esse tempo para se dedicar um pouco a estudar, a ler um texto, a se preparar mais para aula, eu acho que isso tem ajudado muito.*

Eliane: E tem sido trabalhada a oralidade dessa forma remota?

E4: *Sim, bastante. Assim o professor faz a gente falar, faz perguntas e a gente tem essa oportunidade de falar, os professores estão se dedicando muito, eu tiro meu chapéu para os professores, eles estão se reinventando as vezes é até muito mais proveitoso que em sala de aula, na sala às vezes dispersa e ali é você e o professor.*

Eliane: Você teve a oportunidade de falar espanhol fora da Universidade?

E4: *Muito pouco, muito pouco mesmo.*

Eliane: Você se sente confortável em falar espanhol?

E4: *Eu tenho vergonha, medo de falar e a pessoa não compreender ou você não saber algumas palavras do que você vai falar, então tenho muita vergonha de falar espanhol, eu falo assim algumas brincadeiras, coisas assim básicas.*

Eliane: Mas você acha que essa vergonha essa insegurança é pela questão da oralidade ser pouco trabalhada?

E4: *Também.*

Eliane: Você acha que poderia ser mais trabalhada durante a graduação a oralidade, mesmo tendo hispanos falando na sala de vocês, você acha que a oralidade poderia ser melhor trabalhada?

E4: *Sim, Muito mais poderia ser trabalhada, principalmente essa interação dos hispanohablantes, eles são uma peça chave para a gente.*

Eliane: Mas há esse incentivo para que haja essa interação?

E4: *Então, no primeiro semestre com a professora Valdilena, ela incentivava muito, ela falava gente aproveitem, troquem experiências, conversem, mas então veio a pandemia quando a gente tava querendo se entrosar, acabou.*

Eliane: Mas quando era dito para vocês interagir, vocês tentavam interagir e praticar?

E4: Sim, a professora Valdilena era muito boa nessa parte, de cobrar e incentivar a ter essa oralidade.

Agradecimentos.

ENTREVISTA COM ESTUDANTE 5

Eliane: Você sente insegurança em relação à oralidade?

E5: Não.

Eliane: Você fala bem?

E5: Eu me sinto bem à vontade, na verdade eu não falo bem mas assim eu me sinto à vontade porque eu procurei trabalhar minha mente para não ficar com certo receio, uma certa vergonha, porque se eu ficar com vergonha eu não consigo me desenvolver, o medo de não desenvolver é que traz esse travamento, e o que eu eu fiz, eu comecei observar as crianças, as crianças tem aquele aprendizado tipo natural da língua, ela vai sendo corrigida e não tá nem aí se está sendo corrigida ou não, como eu vejo meus filhos e sobrinhos no dia-a-dia e tudo mais, então eu estou procurando usar esse método.

Eliane: Você aproveita as oportunidades que você tem para praticar espanhol?

E5: sim, aproveito todas as oportunidades, na verdade o que ajudou muito, eu saí de São Paulo e falei "poxa eu quero aprender espanhol, pensei qual é a melhor faculdade do Brasil para eu aprender espanhol, eu vi USP, eu vi UNILA, eu vi Unimap, eu vi milhares de faculdade. Eu vi que a UNILA se destacava assim além de todas as outras, estratosférica em relação às outras porque ela tinha aquela questão da América-latina, de trazer o estrangeiro para cá (inaudível) aqui eu tenho um relacionamento muito estreito, eu tenho muitos amigos que são chilenos, tenho amigos que são colombianos, venezuelanos, então eu aproveito muito essa riqueza de informações.

Eliane: Você já tinha estudado espanhol antes de começar a graduação ou não?

E5: Não, nunca.

Eliane: Porque você escolheu letras português/espanhol?

E5: Letras português/espanhol porque eu comecei entender um pouquinho mais do contexto histórico do Brasil e eu falei poxa porque só o Brasil que fala português, eu fui estudando e eu vi que todos os meus países amigos vizinhos aqui era tudo espanhol, aí eu comecei puxar a história, aí falei calma aí, para eu entender todo o processo revolucionário, não que eu polarizo tanto para um lado quanto para o outro, mas entender a situação e colocar tudo na mesa e compreender o que tá acontecendo, porque as vezes polariza, é extrema direita, extrema direita, eu falei não, eu quero entender todos os lados para eu tomar a minha conclusão e seguir como ser humano, eu falei para eu entender isso eu tenho que entender o que? O espanhol, porque todo o contexto está aqui envolvido, então foi essa minha escolha, o

contato do espanhol entender, como eu tava falando em várias libertárias aqui na américa-latina, tantos e tantos revolucionários também, então pra mim entender o povo, eu tenho que compreender a sua língua, então é essa a minha opção do espanhol.

Eliane: Observando você e seus colegas, você acha que a oportunidade em relação a oralidade na graduação, o peso é dado maior na escrita, ou não dá aos dois a oralidade e a escrita? Você tá em que ano na graduação?

E5: *Tô no segundo ano. Então em relação ao método, os professores vem com aquela mentalidade de fazer meio a meio, 50% em português 50% em espanhol, porém a grande maioria dos brasileiros optam pelo português, os hispano-hablantes ficam na sua zona de conforto também procuram ficar em espanhol, ou seja aquela zona de conforto, as pessoas tem medo de transpor essa zona de conforto (inaudível), mas assim eu percebo que os professores tentam trabalhar meio a meio, mas aí devido aos alunos, eles acabam cedendo, às vezes fica uns 70, 80, 90% em português, que eu acho um absurdo, eu acho que deveria ser meio a meio e ponto final independente da matéria, mas porém eu também levo em consideração a questão do professor, por que é ele que vai ser avaliado institucionalmente e tudo mais, aí para eu não pular esse sistema, para não me sentir prejudicado, não só por isso, mas porque eu também gosto muito dos hispano-hablantes, eles têm muita cultura, eu fiz muitas amizades boas, eu me recorri a eles, esse contato mais humano, que eu aprendo muita coisa.*

Eliane: Mas você acha que você escreve muito mais do que você pratica a oralidade na graduação?

E5: *Na verdade eu faço os dois, eu pratico a escrita, a oralidade e a escuta também.*

Eliane: O curso em si eu me refiro, dá mais ênfase a escrita ou não, é os dois?

E5: *Os dois, porém os alunos acabam te forçando mais para o lado da escrita, mas porém a base que os professores passam é a escrita, a oralidade e a escuta, é bem completo o curso é muito bom.*

Prof. Lívia: Eu queria te perguntar da disciplina de línguas, especificamente de espanhol. Quando vocês estão estudando espanhol, você sentiu que teve peso mais para um lado do que para outro ou as duas foram trabalhadas iguais, a oralidade, escrita e também audição?

E5: *Não, foi trabalhada as duas, inclusive tem a questão do TANDEI, é muito interessante, eu fiz o Tandei e tudo mais, ou seja, tem milhares e milhares de ferramentas que a faculdade trabalha para engajar o brasileiro para se envolver totalmente, mas como eu disse tem gente que só fica na escrita, tem medo de ser corrigido, então fica essa questão.*

Eliane: Mas tem incentivo assim por parte dos professores para que vocês pratiquem a oralidade entre vocês em sala?

E5: *Tem o incentivo sim, todos os professores que eu tive, a Natália eu tive 2 dias de aula com ela, tive aula com o Carlos, o Carlos trabalhava muito com a escrita e ficava só falando em espanhol, também tiva aula, poucas aulas com Claudinei que só fala em espanhol argentino, no caso todos os professores, inclusive o que estou trabalhando agora é o Pepe Monteagudo, ele é espanhol e ele fala tem que falar só em espanhol, ele não aceita que a gente fale de*

outra forma, por que assim não tem lógica vou ficar aprendendo um idioma e falando outro, não tem sentido, a imersão é boa.

Eliane: Que ótimo que você tem essa oportunidade de praticar a língua que você está aprendendo. E em relação aos seus colegas, você sente que tem uma resistência em falar espanhol?

E5: *Totalmente, o brasileiro tem uma resistência muito grande ao diferente, tem resistência muito grande ao não sei se eu posso falar que seja um preconceito, mas eu percebo que tem um limite ali entendeu, eu percebo que o brasileiro, se é uma pessoa que veio dos Estados Unidos estudar aqui, ou de um outro país mais bem remunerado, sabe aquela elite e tal considerado, então eles pagam, ele é espanhol uau, ele é Venezuelano, Nossa, você sente aquele clima de desprezo. Aí ele é colombiano ou é argentino, nossa, eu sinto esse preconceito muito grande, ninguém fala, é um preconceito invisível, mas eu percebo. Inclusive, não somente na UNILA, é aqui na vizinhança, no geral. As únicas pessoas que procuram acolher é a instituição UNILA, os professores acolhem muito bem, mas assim eu percebo que tem uma resistência muito grande, eu vou falar é um preconceito sim.*

Eliane: Você acredita que essa resistência é por questão de preconceito, já que a Universidade como você disse contribui para que você pratique o espanhol, há o incentivo para que se fale o espanhol?

E5: *Sim, com certeza. É a questão do preconceito mesmo, porque a pessoa não precisa falar claramente, a gente utiliza a análise do discurso, uma pausa, uma vírgula é um texto completo, uma olhada você percebe, já vi muito preconceito, já vi muito desprezo, já vi muito oportunista de querer colocar o trabalho nas costas do estrangeiro.*

Eliane: Sério isso?

E5: *Sim, eu vi com meus olhos, eu acho isso um absurdo.*
Você se sente confortável em falar espanhol?

E5: *Eu sinto, na verdade eu sinto, me sinto muito bem. Eu acho muito bonito, eu acho uma língua muito doce, é uma língua dos poetas muito mais suave que o português, eu amo português, é uma riqueza de palavras, é fantástica, mas o espanhol tem aquela doçura.*

Eliane: Você na sala, entre os colegas têm a oportunidade de falar espanhol, em interagir. Tem brasileiros e os hispanos, vocês conseguem interagir em espanhol?

E5: *Sim, tem essa oportunidade, mas geralmente o que acontece, quando se forma uma rodinha, um grupinho, na verdade eu percebi que tem uns grupinho isolados, vai fazendo aqueles grupinhos de brasileiros, de colombianos, de venezuelanos, aí com o tempo esse grupinho que eu notei vão se mesclando, mas os brasileiros por resistência não se misturam.*

Eliane: Mas a graduação em si, você acha que ela te dá suporte e oferece ferramentas para que você como futuro professor possa praticar a oralidade?

E5: *Totalmente, a faculdade te traz ferramentas fantásticas. O professor que estou tendo aula se disponibilizou a dar 1 hora a mais de aula, já que ele observou a deficiência da turma em relação à gramática, mas percebo falta de interesse dos estudantes.*

Eliane: Então esse professor dá mais ênfase à gramática?

E5: *Não, ele dá ênfase à gramática, porque a gramática é fantástica, ela é importante, porque é nisso que você vai ter a conjugação dos verbos, como ele disse na aula passada, nós vamos ensinar o idioma então temos que ter o conteúdo gramatical, mas ele não trabalha somente o conteúdo gramatical, ele passa vídeos, passa vocabulários e durante a aula ele fala em espanhol, ele trabalha tudo em conjunto.*

Eliane: Você acha que com a faculdade consegue alcançar um bom nível de oralidade, somente com a faculdade?

E5: *Consegue sim, o estudo tem dois caminhos, o caminho que o professor envia informação que é nos momentos de aula, mas tem aquela contrapartida que o aluno tem que buscar informação e estudar. A faculdade passa toda a receita do bolo e quem tem que misturar é o próprio aluno.*

Eliane: Você acha que um nativo possa ensinar melhor que um não nativo?

E5: *Isso vai depender do não nativo e do nativo, eu já vi algum nativo dando aula, foi um bom professor, como também já vi um não nativo que também foi um excelente professor.*

Eliane: Você disse que tem amigos de vários países na universidade, como você lida com essa variação linguística?

E5: *Então já conheci espanhóis, argentinos, mas como tive contato primeiro com colombianos, já peguei a variação deles, mas lido bem com as variantes, como uma professora falou não tem certo ou errado, são as variações linguísticas.*

Agradecimentos.

ENTREVISTA COM ESTUDANTE 6

Eliane: Ao concluir a faculdade tive muita dificuldade na oralidade. Você também encontra essas dificuldades na oralidade?

E6: *Eu tenho, mas não tanto quanto alguns colegas, percebo colegas com muito mais dificuldade que eu, porque eu já fazia espanhol antes de entrar no curso, isso me ajudou muito, eu fazia teatro, em uma peça eu falava muito em espanhol, mesmo não sendo perfeito, ainda tenho algumas dificuldade e a questão da prática constante, quanto mais você pratica vai ficando melhor e você se sente mais confortável.*

Eliane: Porque você optou por letras português- espanhol?

E6: *Porque primeiramente eu sempre gostei muito de espanhol, sempre gostei muito de ler e foi a minha primeira opção na UNILA com a nota do ENEM.*

Eliane: Você disse que estudou espanhol, por quanto tempo você estudou?

E6: *Acho que foi uns dois anos.*

Eliane: Analisando seu percurso na graduação até agora, a forma como o espanhol é trabalhado no sala, você observando você e seus colegas a oportunidade que é dada, você acha que a escrita tem um peso maior, ou seja que é mais trabalhada a escrita do que a oralidade?

E6: *Eu acho que tá meio a meio, tá bem na medida, mas posso tá enganada, eu acredito que depende muito da forma como o professor conduz a aula, o que ele prefere mais. Eu tive professores que faziam a gente falar mais, fluía e todo mundo falava em espanhol, mas tinha professores que acabam que não deixando fluir muito e não acontece tão naturalmente o debate, então alguns acabam se sentindo meio mal de falar por vergonha ou por medo de errar, eu acho que ainda existe esse medo de errar na sala, mas não tanto. Acredito que na UNILA a gente desconstrói muito isso, mas ainda tem um pouco de receio de vergonha, mas ainda assim as pessoas se arriscam a falar de espanhol nas aulas que eu participo.*

Eliane: Mas essas pessoas que você mencionou que tem um pouco de receio, vergonha ou medo de falar espanhol, você acha que isso ocorre por não ter tanto incentivo a oralidade?

E6: *Eu acho que é mais pela timidez e pessoas que não tem contato com a língua eu percebi que elas têm mais dificuldade, quando elas chegam sem contato nenhum com a língua elas não tem muita facilidade. Agora tem pessoas que tem mais contato com a língua ou com outra língua elas tendem a ter mais facilidade, acredito que nesse sentido. Na UNILA não tem muito isso, nem todos os professores, mas eles incentivam que a gente fale mesmo que erre e não fica corrigindo o tempo todo. E há incentivo fora da grade como o TANDEI, então quer desenvolver consegue, mas tem pessoas que trabalham e não conseguem participar aí é só na aula mesmo. Mas também depende do tema da conversa, porque aí as pessoas vão conseguir interagir mais.*

Eliane: Que atividade que você lembra que foi legal, que vocês puderam praticar bem a oralidade?

E6: *Acho que atividades com uma temática mais cultural, relacionado a arte, uma música um filme, você acaba querendo expressar sua opinião, aí tem os elementos da música que você viu e isso convida a falar.*

Eliane: Você acha que o espanhol que é oferecido na faculdade vocês conseguem alcançar um bom nível de oralidade?

E6: *Não, eu acho que ainda falta um pouco.*

Eliane: Porque?

E6: *Muitos amigos meus comentam que não se sentem preparados, eu sinto que ainda não sei falar espanhol, imagina então dar aula por exemplo, eles se sentem muito despreparados, eu não acho que esteja tão ruim, mas pode melhorar.*

Eliane: O que você acha que poderia melhorar?

E6: *Eu acho que todas as disciplinas deveriam ter um foco para a oralidade, que não aconteceu no meu caso, não foram todas mas dependendo do professor e do ano da disciplina, do espanhol unas acabaram trabalhando mais a oralidade e outros menos e eu acho que muitos alunos sentem falta de mais estudos sobre a gramática da língua que eu acho que iso também influencia.*

Eliane: Você acha que tem pouca gramática?

E6: *Eu pessoalmente gostaria de mais, parece que para mim parece que ainda tá meio solto, mas pode ser algo meu, eu não desenvolvi.*

Eliane: Mas você acha que com a gramática você consegue alcançar um bom nível de oralidade?

E6: *com certeza, não é só isso, mas contribui.*

Eliane: Opinião pessoal: Ainda está muito enraizado que precisa aprender gramática para falar. Agora em relação a você, você se sente mais confortável falando ou escrevendo em espanhol?

E6: *Eu gosto dos dois, que pergunta difícil, quando eu escrevo um texto acho que ele tá ótimo, mas aí vou ver tem que melhorar muito e falar, você começa aí você para e pensa acho que isso tá errado, mas acho que escrever tenho mais facilidade.*

Eliane: Você observa que seus colegas têm resistência em falar espanhol?

E6: *A maioria quer e tenta, mas acabam não falando tanto quanto gostariam por diversos fatores.*

Eliane: Mas porque você acha que tem essa resistência?

E6: *Acho que por insegurança mesmo.*

Eliane: Você já teve a oportunidade de falar espanhol fora da Universidade? e como foi sua experiência?

E6: *Sim, já tive. Foi mais ou menos. Eu fui num projeto de extensão na Argentina e no Paraguai nas escolas, então no Paraguai no início foi muito difícil pelas misturas das línguas e o ambiente escolar, mas deu para se comunicar, na Argentina houve maior facilidade, houve um maior entendimento.*

Eliane: A formação inicial ela te dá suporte te oferece ferramentas para que você possa praticar a oralidade?

E6: *Sim, por exemplo o Tandem eu observei que ajudou muitos colegas, os projetos de extensão.*

Eliane: O curso assim você acha que ele se desenvolve bem em relação a oralidade?

E6: *Eu acho que sim, mas poderia ser melhor, mas tá indo bem.*

Eliane: Você acha que o professor poderia incentivar mais para que falasse espanhol? Porque é assim, pelo que você falou só tem uma disciplina específica de espanhol, então é somente nessa disciplina que vocês praticam espanhol?

E6: *Sim, infelizmente sim. A maioria das disciplinas acabam sendo em português. Às vezes o professor traz um texto em espanhol ou quando tem um aluno hispano esse professor fala com ele em espanhol às vezes, porque se não fala tudo em português e passa tudo em*

português mesmo, mas com certeza a que mais incentiva falar espanhol é a de ensino de línguas mesmo.

Eliane: Eu entendo que na sala há estudantes hispanos e os brasileiros, mas você acredita que poderia ter esse incentivo na oralidade nas outras disciplinas também?

E6: *Isso, eu acho.*

Eliane: Você acredita que um nativo possa ensinar melhor que um não nativo?

E6: *Depende da pessoa, é muito relativo. Agradecimentos.*

ENTREVISTA COM ESTUDANTE 7

Eliane: Devido a minha insegurança em falar espanhol, mesmo após ter concluído a graduação isso me motivou a pesquisar sobre isso. Em que ano você está na graduação?

E7: *Eu estou no último já.*

Eliane: Você sente insegurança em relação a oralidade?

E7: *Eu tenho muita dificuldade, eu sempre tive muita dificuldade na oralidade, no estágio tive muita dificuldade no espanhol em levar a aula com os alunos, por mais que na escola a gente não fala todo o momento em espanhol, porque os alunos ficam meio perdidos, mas eu compreendo mais do que eu falo, falar eu tenho vergonha, eu travo eu não consigo e agora piorou, porque eu nunca mais pratiquei, o último semestre que teve espanhol acho que foi no sexto semestre, então faz quase dois anos que eu não tive mais disciplina de espanhol e não usei mais o espanhol.*

Eliane: Você disse que tem muita insegurança, você acredita que essa sua insegurança seja pela forma como a oralidade é trabalhada durante a graduação?

E7: *Assim, a gente tem muita disciplina de literatura no curso até o último período, eu acho que como o curso é voltado para a Língua estrangeira e não para literatura, deveria ter espanhol até o último período da faculdade, foi pouco, não que foi ruim, mas eu acho que deveria ser até o final do curso.*

Eliane: Quantas disciplinas você tem que você teve a oportunidade de praticar espanhol?

E7: *Nas aulas de espanhol e tive professores que nem Fundamentos da América Latina, eu falo assim é tão triste porque a UNILA tem essa integração e eu tenho colegas como o Josias que é da Argentina, o Jorge ele é Cuba, só que como eles falam um pouco do português ficava nessa, aquela preguiça em se dedicar, eles se dedicam muito mais ao português do a gente ao espanhol.*

Eliane: A forma como o espanhol acontece, o que você observa que é mais trabalhada a escrita do que a oralidade?

E7: *Dependia muito do professor, da didática, teve professores que trabalhou mais a gramática, fazia bastante prova escrita, parte gramatical isso foi no 1° e 2° semestre, aí teve professores que trabalhou parte oral e pedir pra gente apresentar alguma coisa pra perder a vergonha, cantar uma música, então foi assim mais ou menos, dependia muito do professor, da didática do professor.*

Eliane: Que atividade que foi proposta durante a graduação que foi bacana que você pode praticar a oralidade?

E7: *A disciplina da professora Lívia, aí também teve uma disciplina optativa acho que era Conversação em espanhol, na disciplina da professora Júlia ela fazia a gente falar, teve até apresentação do Día de los Muertos, mas sempre teve assim aquele medo, aquela timidez, mas não eu, meus colegas também, a gente sempre muita vergonha de falar.*

Eliane: Eu ia te perguntar isso, se você observa resistência em falar espanhol por parte dos seus colegas?

E7: *Ixi, dos brasileiros sim, eu vejo que os estrangeiros que vem de fora estudar na UNILA, não só por estar na UNILA, mas também a necessidade de estar na cidade que fala a língua portuguesa eles acabam se adaptando muito mais rápido, falando muito mais rápido português do que a gente falando espanhol, eu acho que se eu tivesse feito intercâmbio ou morado fora eu teria me dedicado mais, teria me esforçado mais, porque eu teria que ir ao mercado, eu teria que ir ao shopping ou qualquer outra coisa.*

Eliane: Vocês com seus colegas que são de outros países, vocês praticam espanhol, aproveitam a oportunidade para interagirem em espanhol?

E7: *Uma vez a gente tinha combinado que a gente iria se corrigir, que os brasileiros teriam que falar espanhol com os estrangeiros, mas isso durou pouco tempo, virou comodismo e tinha o famoso portunhol no meio de tudo isso, eu falo que a interação era o legítimo portunhol, que era aquela coisa que falava um pouco de espanhol, um pouco de português.*

Eliane: Essa resistência que você observa por parte dos seus colegas você acredita que seja por falta talvez por falta de incentivo nas disciplinas de espanhol?

E7: *Olha, quase todos meus colegas brasileiros sempre reclamaram e pontuaram a questão de não ter mais tempo a disciplina de espanhol, claro que às vezes a gente entra no comodismo, na preguiça e é bem difícil aprender idiomas, eu sinto muita dificuldade, eu acho que deveria ter um pouco mais de espanhol até o fim da faculdade, meus colegas sempre comentaram isso, quando a gente foi para o estágio, eu foi com uma colega a Luana e a gente ficava olhando uma para a outra e agora o que a gente vai fazer e se alguém quiser tirar alguma dúvida o que a gente faz, não vou lembrar da gramática, era uma loucura, mais um medo, saia tensa das aulas de espanhol, eu tive uma experiência agora no último estágio da faculdade de EAD, que foi uma experiência muito boa, que eu corrigia os textos de alguns alunos, a gente trabalhava e via a interferência do espanhol na língua portuguesa, eu conversava com alguns alunos foi dividido os grupos, eles vinham falar em espanhol comigo, as vezes eu tinha que correr para ajuda de Google e tradutores para buscar algumas palavrinhas para tentar compreender, mas eu compreendo muito mais do que eu falo, se eu falar com alguma pessoa com calma eu vou compreender ela muito bem, agora falar eu travo porque parece que a pessoa tá olhando pra mim, tá rindo da minha cara, parece que eu tô falando tudo errado,*

aconteceu dos colegas da faculdade falar espanhol e eu entender super bem, mas responder em português, porque você não responde em espanhol se você entende o que eu falei, se você entende quer dizer que você sabe, eu não sei o que me bloqueia eu acho que é a vergonha e a falta de praticar, se eu praticasse mais.

Eliane: A Universidade te oferece ferramentas para que você possa praticar a oralidade, te auxilia, te dá suporte, te oferece cursos, para que você possa praticar a oralidade?

E7: Olha, acho que mais ou menos. Tinha o Tandei, mas eu nunca participei, porque era no horário de trabalho e a noite a gente tinha aula e no final de semana a gente queria descansar porque a gente trabalha a semana inteira e estuda, mas eu acho que se tivesse me dedicado mais eu teria desenvolvido muito mais e teria perdido essa vergonha, não sei quem da minha turma que fez Tandei, mas é um curso de extensão oferecido fora do curso.

Eliane: Quantas vezes você tem aula de espanhol durante a semana ou você tinha?

E7: Foram seis semestres, quatro aulas por semana.

Eliane: Então todos os dias você tinha aula de espanhol ou ele era um dia específico?

E7: Não era as quatro aulas uma atrás da outra, teve o básico, o intermediário 1 e o 2, o avançado 1 e o 2, então foram cinco semestres, que é a metade do curso e depois não tem mais espanhol.

Eliane: Porque você escolheu letras português- espanhol?

E7: Porque caí de paraquedas lá, porque é assim, eu queria estudar pedagogia na UNIOESTE e a segunda opção era letras na UNILA e eu passei, eu sou péssima em português mas fui lá encerrar e tô aí até hoje.

Eliane: Vou perguntar de uma outra forma, porque eu acho que não ficou muito claro para mim, Você observa que você escreve muito mais durante a graduação do que você pratica a oralidade ou está assim no meio a meio?

E7: Assim, a gente lia bastante textos em espanhol, porque muitos textos das outras disciplinas, tipo Fundamentos da América Latina, descrição linguística eram textos em espanhol, então leitura em espanhol tinha bastante, mas escrita só em espanhol era obrigatório nas outras disciplinas podia responder em português. Só que eu acho que a gente escutava mais, lia mais do que falava, falar era bem menos.

Eliane: Você acha que essas práticas de leitura contribuíram de alguma forma na oralidade?

E7: A conhecer algumas palavras, na hora da escrita a gente lembra. Mas tanto que no meu trabalho às vezes eu converso com alguns clientes lá do Paraguai que querem comprar peças e eles escrevem em espanhol e perguntam se eu sei falar espanhol aí eu respondo eu escrevo (risos), tem os que ligam, eu entendo eles muito bem, mas na hora de falar eu falo em português e falo bem calminho para eles me entenderem.

Eliane: Então você acaba não aproveitando as oportunidades que você teria para falar espanhol fora da universidade?

E7: *No meu trabalho eu tenho bastante oportunidade, ou posso mandar um áudio, porque eu mando áudio em português, então eu poderia muito bem, as vezes eu escrevo, quando a palavra tá errada o corretor avisa aí eu volto, mas muitas coisas eu lembro como escreve por causa da faculdade.*

Eliane: Mas o que você acha que poderia ser feito para acabar com esse medo, essa insegurança em falar espanhol você e seus colegas?

E7: *Eu já comentei com alguns colegas que deveria ter espanhol até o final do curso, essas partes de Tandem poderia ser reaproveitadas nas aulas, porque o curso é um curso noturno é pensado para alunos que trabalha, 90% dos meus colegas de turma trabalha, então eu acho que o curso cobrava coisas que não pensava, nossa esse meu aluno trabalha e ele não vai tempo pra fazer tal coisa, por exemplo meu sonho era participar da iniciação científica, eu fiz com a prof. Simone aos trancos e barrancos, mas eu fiz como voluntária para o meu TCC, eu queria participar de projetos de extensão, não deu porque eu estava trabalhando. Eu acho que se tivesse espanhol até o final do curso poderia encaixar o Tandem nas aulas, poderia encaixar mais oralidade, pensaria em um Tandem na sala de aula, por exemplo hoje vai ser o dia da oralidade vocês vão conversar e eu vou passar olhando, vocês vão ver um texto e vai comentar sobre esse texto em espanhol, você vai falar o que fala nessa história, então se tivesse até o final do curso teria mais 2 anos e meio para se trabalhar espanhol, outra ideia seria que o trabalho do semestre seria montar uma aula de trinta minutos em espanhol e praticar a oralidade, eu sei que vamos fazer isso no estágio, mas fazer essa preparação antes e não não só enfiar a gente e se vira, claro tem a disciplina de estágio mas não fala espanhol e sim falar sobre a realidade na sala de aula, de observar a sala de aula e os alunos, acho que seria muito interessante, tem poéticas, eu amo literatura, mas não teria necessidade de ter até o final do curso porque não é um curso de literatura e a discussão era ainda portugues como língua estrangeira, ainda que vou ter que entrar com recurso para dar aula de portugues por conta da nomenclatura da curso e para dar aula de espanhol não vou estar preparada e ainda vou ter muita dificuldade, ou às vezes não posso pegar em colégio particular porque não vou desenvolver bem o meu trabalho porque vou ter vergonha, tem várias questões.*

Eliane: Você e seus colegas, os que iniciaram a graduação com você, somente com a faculdade consegue alcançar um bom nível de oralidade?

E7: *Não, não é o suficiente nem para dar aula de português na escola, eu respondi esses dias uma pesquisa de um acadêmica que faz a parte do português e é discussão voltada para a nomenclatura do nosso curso e ele me perguntou se eu me sentia capacitada para dar uma aula de português eu respondi que da mesma forma que eu posso dar aula de português para estrangeiros eu posso dar aula de português para brasileiros o que vai mudar é a didática. Porque se eu sei o português posso dar aula para os dois, mas me sinto muito mais capacitada para dar aula de português do que de espanhol, mas até com meu filho eu tenho vergonha de falar e aqui minha mãe fala espanhol porque ela morou 20 anos no Paraguai.*

Eliane: Você acha que um nativo possa ensinar melhor espanhol que um não nativo?

E7: *Eu não sei porque a maioria dos professores que me ensinaram espanhol são brasileiros, só tive um professor que é espanhol que me ensinou espanhol, mas o espanhol dele era diferente porque ele é da Espanha mesmo, mas tem muito haver com a didática do professor, o*

interesse do aluno, acho que não tenha haver só com o professor. O professor Diogo pediu um negócio bem legal, que ele pediu para a gente ler um livro da literatura da América latina e tinha que apresentar sobre o livro e ele fez uma roda de conversa e cada um ia falando do seu livro em espanhol foi bem legal, por isso que eu digo que é a didática do professor.

Eliane: Como foi sua experiência no estágio em relação a oralidade?

E7: Passei por quatro estágios. No primeiro a gente somente observou e dois que foi em espanhol, então fiz dois estágios em colégios do estado e não dava para falar muito espanhol por causa dos alunos, o professor já tinha dado a dica para a gente e a gente já tinha observado o professor, ele disse se você falar só em espanhol o aluno não vai entender e agente disse Graças a Deus. A gente conseguiu dar aula, mas não foi aquela experiência né, mas não que eu tenha aprendido muito falar espanhol ali, mas a gente fez, montou o plano de ensino em espanhol tudo bem bonitinho, falamos pouco.

Eliane: Mas você se sentia insegura para falar espanhol?

E7: Bem insegura, muito insegura. De 0 a 100, 90% insegura.

Eliane: Era em dupla o estágio?

E7: Sim, eu fiz com minha colega X. A experiência do estágio de 0 a 100 foi metade, 50% bom.

Eliane: Você já tinha estudado espanhol antes de começar a graduação?

E7: Tinha estudado na escola e eu tinha feito um cursinho de três meses por causa do meu trabalho e era mais oralidade nesse curso mesmo, é um método bem legal.

Eliane: Você disse que teve 4 estágios, foi mais para o final do curso, como foi?

E7: O estágio começou no quinto período.

Eliane: Você acredita que se tivesse tido o contato antes com o estágio isso ajudaria a desenvolver melhor a oralidade?

E7: Eu não sei, acho que sim. Olha no estágio 3 foi português e no estágio 4 poderia optar por português ou espanhol, não optar mas por causa da pandemia eu optei por português por ser a distância e a noite também eu pensei não vou me enfiar em espanhol desse jeito

Agradecimentos